

Francisco Candido Xavier

Novas

Mensagens

do Espírito

de

Humberto de Campos

e comentários por

Elmerindo Martins de Castro

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 - RIO



FRANCISCO CANDIDO XAVIER

Novas Mensagens
do
Espírito de Humberto de Campos

Livraria Editora da Federação - Av. Passos - 30 - Rio

PERTENCE AO
GRUPO ESPÍRITA
CAIRBAR SCHUTEL

Novas Mensagens

Francisco Candido Xavier

Novas

Mensagens

do

Espirito de

Humberto de Campos

E COMENTARIOS DE

ALMERINDO MARTINS DE CASTRO



1940

Livraria Editora da Federação

Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro

INDICE

Pags.

O Espiritismo no Brasil.....	7
D. Pedro II.....	13
A morte de Pio XI.....	23
O Carnaval no Rio.....	33
Historia de um médium.....	39
No banquete do Evangelho.....	49
Marte.....	57
A Agrippino Grieco	69
(Carta de Gastão Penalva).....	81
Carta a Gastão Penalva	87
Comentarios sobre Humberto de Campos.....	97

O Espiritismo no Brasil

Numerosos companheiros de Allan Kardec já haviam regressado às luzes da espiritualidade, quando inúmeras entidades do serviço de direção dos movimentos espiritistas no planeta deliberaram efetuar um balanço de realizações e de obras em perspectiva, nos arraiais doutrinários, sob a benção misericordiosa e augusta do Cordeiro de Deus.

Vivia-se, então, no limiar do século XX de alma aturdida ante as renovações da indústria e da ciência, aguardando-se as mais proveitosas edificações para a vida do globo.

Falava-se aí, nesse conclave do plano invisível, com respeito á propagação da nova fé, em todas as regiões do mundo, procurando-se estudar as possibilidades de cada país, no tocante ao grande serviço de restauração do Cristianismo, em suas fontes simples e puras.

Após varias considerações, em torno do as-

sunto, o diretor espiritual da grande reunião falou com segurança e energia:

— “Irmãos de eternidade, no mundo terrestre, de modo geral, as doutrinas espiritualistas, em sua complexidade e transcendência, repousam no coração da Asia adormecida; mas, precisamos considerar que o Evangelho do Divino Mestre não conseguiu ainda harmonisar essas variadas correntes de opinião do espiritualismo oriental com a fraternidade perfeita, em vista das nações do Oriente se encontrarem cristalizadas na sua própria grandeza, ha alguns milênios.

Em breve, as forças da violência acordarão esses países que dormem o sono milenário do orgulho, numa injustificavel aristocracia espiritual, afim de que se integrem na lição da solidariedade verdadeira, mediante os ensinamentos do Senhor!... Urge, pois, nos voltemos para a Europa e para a America, onde, se campeiam as inquietações e ansiedades, existe um desejo real de reforma, em favor da grande cooperação pelo bem comum da coletividade. Certo essa renovação é sinônima de muitas dores e dos mais largos tributos de lágrimas e de sangue; mas, sôbre as ruínas da civilização ocidental, deverá florescer no futuro uma sociedade nova, sôbre a base da solidariedade e da paz, em todos os caminhos dos progressos humanos... Examinemos os resultados dos primeiros esforços do Consolador no Ve-

lho Mundo!...”.

E os representantes dos exércitos de operários que laboram nos diversos países da Europa e da America, começaram a depôr, sôbre os seus trabalhos, no congresso do plano invisível, elucidando-os sinteticamente:

— “A França — exclamava um dêles, — berço do grande missionário e codificador da doutrina, desvela-se pelo esclarecimento da razão, ampliando os setores da ciência humana, positivando a realidade de nossa sobrevivência, através dos mais avançados métodos de observação e de pesquisa. Lá se encontram ainda numerosos mensageiros do Alto, como Denis, Flammarion e Richet, clareando ao mundo os grandes caminhos filosóficos e científicos do porvir”.

— “A Grã Bretanha — afirmava outro — multiplica os seus centros de estudo e de observação, intensificando as experiências de Crookes e dissolvendo antigos preconceitos”.

— “A Italia — asseverava novo mensageiro — teve com Lombroso o início de experiências decisivas. O próprio Vaticano se interessa pela movimentação das idéias spiritistas, no seio das classes sociais, onde foi estabelecido rigoroso critério de análise, no comércio com os planos invisíveis para o homem terrestre”.

— “A Russia, bem como outras regiões do norte — prosseguia outro emissário — conseguiu com Aksakoff a difusão de nossas verdades

consoladoras. Até a côrte do Czar se vem interessando nas experimentações fenomenicas da doutrina”.

— “A Alemanha — afirmava ainda outro — possui numerosos físicos que se preocupam cientificamente com os problemas da vida e da morte, enriquecendo os nossos esforços de novas expressões de experiência e de cultura...”.

Iam as exposições a essa altura, quando uma luz doce e misericordiosa inundou o ambiente da reunião de sumidades do plano espiritual. Todos se calaram, tomados de emoção indizível, quando uma voz, augusta e suave, falou, através das vibrações radiosas de que se tocava a grande assembléia:

— “Amados meus, não tendes para a propagação da palavra do Consolador, senão os recursos da ciência humana e falível? Esquecestes que os excessos do raciocínio prejudicaram o coração das ovelhas desgarradas do grande rebanho? Não haverá verdade, sem humildade e sem amor, porque toda a realidade do universo e da vida deve chegar ao pensamento humano, antes de tudo, pela fé, ao sôpro dos seus resplendores eternos e divinos!... Operários do Evangelho, excelente é a ciência bem intencionada do mundo, mas não esqueçais o coração, em vossos labores sublimes... Procurai a nação da fraternidade e da paz, onde se movimenta o povo mais emotivo do globo terrestre, e iniciai aí uma tarefa nova.

Se o Cristo edificou a sua igreja sôbre a pedra segura e inabalavel da fé que remove montanhas e se o Consolador significa a doutrina luminosa e santa da esperança de redenção suprema das almas, todos os seus movimentos devem conduzir á caridade, antes de tudo, porque sem caridade não haverá paz, nem salvação para o mundo que se perde!...”.

Uma copiosa efusão de luzes, como benções do Divino Mestre, desceu do Alto sôbre a grande assembléia, assim que o apóstolo do Senhor terminou a sua exortação comovida e sincera, luzes essas que se dirigiam, como aluvião de claridades, para a terra generosa e grande que repousa sob a luz gloriosa da constelação do Cruzeiro.

E foi assim que a caridade selou, então, todas as atividades do Espiritismo brasileiro. Seus nucleos, em todo o país, começaram a representar os centros de eucaristia divina para todos os desesperados e para todos os sofredores. Multiplicaram-se as tendas de trabalho do Consolador, em todas as suas cidades prestigiosas, e as receitas mediúnicas, os conselhos morais, os postos de assistência, as farmácias homeopatas gratuitas, os passes magneticos, multiplicaram-se, em toda parte no Brasil, para a fusão de todos os trabalhadores, no mesmo ideal de fraternidade e de redenção pela caridade mais pura.

(Recebida pelo médium Francisco Candido Xavier, em 5 de Novembro de 1938).

D. Pedro II

Enquanto os vivos se reuniam em torno do monumento que o Brasil erigiu ao Patriarca da Independência, no Rio de Janeiro, os grandes "mortos" da Patria igualmente se colocavam entre os incarnados, aliando-se ao povo carioca nas suas comovedoras lembranças.

Tambem eu acorri ao local da festa votiva dos Brasileiros, acompanhado do meu amigo José Porfirio de Miranda, antigo milionário do Pará, que a borracha elevara ás culminâncias da fortuna, conduzindo-o, em seguida, aos declives da miséria, nos seus caprichosos movimentos.

Os vivos e mortos do Brasil se reuniam na mesmo vibração afetiva das recordações suaves, enviando ao nobre organizador da vida política da nacionalidade um pensamento de amizade e de veneração.

Antigo companheiro nosso, também no plano invisível, em plena via pública acercou-se de mim, exclamando:

— Chegas um pouco tarde. José Bonifácio já não está presente; mas, poderás ainda conseguir uma proveitosa entrevista para os teus leitores. Sabes quem saiu daqui neste momento?

— Quem? pergunto eu, na minha fome de notícias.

— O Imperador.

— D. Pedro II?

— Êle mesmo. Após lembrar a grande figura do Patriarca, dirigiu-se com alguns amigos para Petrópolis, a reavivar velhas lembranças...

Em meu íntimo, havia um alvoroço de emoções. Lembrei-me de que, em toda a minha existência de jornalista no mundo, só enxergara um monarca dentro dos meus olhos: o rei Alberto I, dos Belgas, quando, no Clube dos Diários, a élite dos intelectuais do país lhe oferecera a homenagem de uma comovida admiração. E ponderei se haveria mérito em consultar o pensamento de um rei, no outro mundo, onde todas as majestades desaparecem. Recordei a figura do grande imperador que Victor Hugo considerava o monarca republicano. Com os olhos da imaginação, vi-o, de novo, na intimidade dos Paços de São Cristovão: o perfil heraldico, onde um sorriso de bondade espalhava o perfume da tolerância; as barbas compridas e brancas, como as dos santos das

oleografias católicas; o olhar cheio de generosidade e de brandura, irradiando as mais doces promessas.

Um vivo, em havendo de ir a Petrópolis, é obrigado ao trajeto penoso dos onibus, embora as perspectivas maravilhosas do mais belo trecho de todas as estradas do Brasil; os desincarnados, porém, não necessitam de semelhantes sacrifícios. Num abrir e fechar de olhos, eu e o meu amigo nos encontravamos na encantadora cidade das horrencias, onde os milionários do Rio de Janeiro podem descansar nas mais variadas épocas do ano.

Não fomos encontrar o Imperador nos antigos edificios em que estabelecera a residência patriarcal de sua família; mas, justamente num recanto de jardim, contemplando as deliciosas paisagens da Serra da Estrela e apreciando o sabor das recordações amigas e doces.

Acerquei-me da sua individualidade, com um mixto de curiosidade e de profundo respeito, procurando improficuamente identificar os dois companheiros que o rodeavam.

— Majestade! — tentei chamar-lhe a atenção com a minha palavra humilde e obscura.

— Aproximem-se, meus amigos! — respondeu-me com benevolência e carinho. — Aqui não existe nenhuma expressão de majestade. Cá es-

tão, fraternalmente comigo, o Afonso (1) e o Luiz (2), como três irmãos, sentindo eu muito prazer na companhia de ambos. Se o mundo nos irmana sobre a terra, a morte nos confraterniza no espaço infinito, sob as vistas magnanimas do Senhor.

È, fazendo uma pausa, como quem reconhece que ha tempo de falar e tempo de ouvir, conforme nos aconselha a sabedoria da Bíblia, exclama o Imperador com bondade:

— A que devo o obsequio da sua interpelação ?

— Majestade! — respondi, confundido com a sua delicadeza — desejava colher a sua opinião com respeito ao Brasil e aos Brasileiros. Estamos no limiar do cincoentenário de República e seria interessante ouvir o vosso conselho paternal para os vivos de boa vontade. Que pensais destes quarenta e tantos anos de novo regime?

— Minha palavra — retrucou D. Pedro — não pode ter a importancia que a sua generosidade lhe atribue. Que poderia dizer do Brasil, se não que continuo a amá-lo com a mesma dedicação de todos os dias? Do plano invisivel, para o mundo, prosseguimos no mesmo labor de cons-

(1) Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto. Foi presidente do último gabinete ministerial que teve a monarquia.

(2) Luiz Felipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu. Foi genro de D. Pedro II, por ter casado com a princeza Isabel.

trução da nacionalidade. As convenções políticas dos homens não atingem os espíritos desincarnados. O exílio termina sempre na sepultura, porque a unica realidade é o amor e o amor, eliminando todas as fronteiras, nos ligou para sempre ao torrão brasileiro. Não tenho o direito de criticar a República, mesmo porque todos os fenômenos políticos e sociais do nosso país tiveram os seus pródomos no mundo espiritual, considerando-se a missão do Brasil dentro do Evangelho. Apenas quero dizer que não só os republicanos, mas também nós, os da monarquia, estavamos redondamente enganados. O erro da nossa visão, quando na terra, foi supôr no Brasil o mesmo espirito anglo-saxão que a Inglaterra legara aos Norte-americanos. Eu também fui apaixonado pelo liberalismo, mas a verdade é que, em nossa terra, prevaleciam outros fatores mesológicos e, até agora, não temos sabido conciliar os interesses da nação com esses imperativos.

A ausencia de tradição nos elementos de nossa origem como povo estabeleceu uma descentralização de interesses, prejudicial ao bem coletivo do país. Para a formação nacional, não vieram da metrópole os espiritos mais cultos. Pesando, de um lado, os africanos, revoltados com o cativo, e, de outro, os índios, revoltados com a invasão do estrangeiro na terra que era propriedade deles, a balança da evolução geral ficou seriamente comprometida. Sentimentos excessivos de

liberdade não nos permitiram um refinamento de educação política. Todos querem mandar e ninguém se sente na obrigação de obedecer. Quando no imperio, possuíamos a autoridade centralizadora da Corôa, prevalecendo sobre as ambições dos grupos partidários que povoavam os nossos oito milhões de quilômetros quadrados; mas, quando os republicanos sentiram de perto o peso das responsabilidades que tomaram á sua conta, os espiritos mais educados reconheceram o descerto das nossas concepções administrativas. Enquanto as nações da Europa e os Estados Unidos podiam empregar livremente no nosso país os seus capitais, a titulo de empréstimos vultosos que desbaratavam compulsoriamente a nossa economia, o Brasil podia descansar na monocultura, fazer a politica dos partidos e adiar a solução dos seus problemas para o dia seguinte, dentro de um regime para o qual não se achava preparado em 1889. Mas, quando se manifestou a crise mundial de 1929, todas as instituições políticas sofreram as mais amplas renovações, dentro dos movimentos revolucionários de 1930. Os capitais estrangeiros não puderam mais canalizar suas disponibilidades para a nossa terra, controlados pelos governos autarquicos dos tempos que correm, e o Brasil acordou para a sua propria realidade. Aliás, nós, os desincarnados, ha muito tempo procuramos auxiliar os vivos na sua tarefa.

— Quer dizer que tambem tendes inspirado

os labores dos estadistas brasileiros?

— Sim, de modo indireto, pois não podemos interferir na liberdade d'êles. Ha alguns anos, procurei auxiliar Alberto Torres nas suas elucubrações de ordem social e politica. Em geral, nós, os desincarnados, buscamos influenciar, de preferência, os organismos mais sensiveis á nossa ação e Torres era o instrumento de nossas verdades para a administração. A realidade, porém, é que êle falou como Jeremias. Sómente a gravidade da situação conseguiu despertar o espirito nacional para novas realizações.

— Majestade, as vossas palavras me dão a entender que aprovais o novo estado de coisas do Brasil. Aplaudistes, então, a queda da denominada república velha, sob as vibrações revolucionárias de 1930?

— Com as minhas palavras — disse êle bondosamente — não desejo exaltar a vaidade de quem quer que seja, nem deprimir o esforço de ninguém. Não posso aplaudir nenhum movimento de destruição, pois entendo que, sôbre a revolução, deve pairar o sentimento nobre da evolução geral de todos, dentro da maior concordia espiritual. Considere que, examinando a minha consciência, não me lembro de haver fortalecido nenhum sentimento de rebeldia nos meus tempos de governo; entretanto, muito sofri, verificando que eu poderia ter suavizado a luta entre os nossos estadistas e os políticos da America espanhola.

Outra forma de ação poderíamos ter empregado no caso de Rosas e de Oribe e mesmo em face do próprio Solano Lopez, (1) cuja inconsciência nos negocios do povo ficou evidentemente patenteada. É note-se que o problema se constituia de graves questões internacionais. O nosso mal foi sempre o desconhecimento da realidade brasileira. Os nossos períodos históricos têm sofrido largamente os reflexos da vida e da cultura européias. Nos tempos do império, procurei saturar-me dos princípios democráticos da política francesa, tentando applicá-los, amplamente, ao nosso meio, longe das nossas realidades práticas. Os republicanos, com Benjamin Constant, Deodoro, etc., deram-se a estudar a "Republica Americana", de Bryce, distantes dos nossos problemas essenciais. Quando regresssei das lutas terrestres, procurei imediatamente colaborar na consolidação do novo regime, afim de que a divisão e os desvarios de muitos dos seus adeptos não terminassem no puro e simples desmembramento do país. Graças a Deus, conseguimos conduzir Prudente de Moraes ao poder constitucional, para acabarmos reconhecendo agora as nossas realidades mais fortes. Devo, todavia, fazer-lhe sentir que não me reconheço com o direito de opinar sobre os trabalhos dos homens públicos do país. Cabe-me, sim, rogar a Deus que

(1) Alusão ás lutas e guerra em que se envolveu o Brasil com as Repúblicas do Uruguai, Argentina e do Paraguai.

os inspire, no cumprimento de seus austeros deveres, diante da pátria e do mundo. O grande caminho da atualidade é a organização da nossa economia, em materia de política, e o desenvolvimento da educação, no que concerne ao avanço sociológico dos tempos que passam. Os demais elementos de nossas expressões evolutivas dependem de outros fatores de ordem espiritual, longe de todas as expressões transitórias da política dos homens.

A essa altura notei que a minha curiosidade jornalística começava a magoar a veneravel entidade e mudei repentinamente de assunto.

— Majestade, que dizeis da grande figura hoje lembrada?

— O vulto de José Bonifacio foi sempre objeto de meu respeito e de minha amizade. E olhe que foi êle o mais sensato organizador da nacionalidade brasileira, cujo progresso acompanha, carinhosamente, com a sua lealdade sincera. Hoje, que se comemora o centenário da sua desincarnação, devemos relembrar o seu regresso, de novo, ao Brasil, em meados do século passado, tendo sido uma das mais elevadas expressões de cultura, na Constituinte de 1891.

Disponha-me a obter novos esclarecimentos; mas, o Imperador, acompanhado de amigos, retirava-se quasi que abruptamente da nossa companhia, correspondendo fraternalmente a outros apêlos sentimentais.

Palavras amigas de adeus e votos de ventura no plano imortal e eu e o meu amigo José Porfirio lá ficávamos com a suave impressão da sua palavra sabia e benevolente.

Daí a momentos, o meu companheiro quebrava o silencio de minha meditação:

— Humberto, os monarquistas tinham razão!... Este velho é um poço de verdade e de experiência da vida! Você deve registrar esta entrevista, oferecendo aos vivos estas palavras quentes de conhecimento e de sabedoria!...

E aqui estou escrevendo para os meus ex-companheiros pelo estomago e pelo sofrimento.

Acreditarão no humilde cronista desincarnado?

Não guardo dúvidas nesse sentido. Penso que obteria mais amplos resultados, se fosse ao Cemitério do Cajú e gritasse a palavra do Imperador, para dentro de cada túmulo.

(Recebida pelo medium Francisco Candido Xavier)



A «morte» de Pio XI

Cercado de todas as honras pontificais, Pio XI agoniza...

De seus labios exaustos, nada mais se ouve, além de algumas palavras ininteligiveis. Seu coração está mergulhado na rêde dolorosa das perturbações organicas, mas seu espírito está lúcido, como o de uma sentinela, a quem não se permite dormir.

Alvorece o dia... Preparam-se os sinos de Roma para anunciar as matinas á antiga cidade dos Cesares e o velho pontifice tenta, ainda uma vez, articular uma palavra que expresse a sua vontade derradeira. Todavia, não obstante todas as dignidades sacerdotais e apesar de todos os títulos nobiliarquicos do mundo, que lhe outorgam o tratamento de um soberano terrestre, Sua Santidade se despede da vida material, sob os mesmos imperativos dos regulamentos humanos da natu-

reza. A morte não lhe reconhece a soberania e a asma cardíaca lhe devora as últimas possibilidades de prosseguir na tarefa terrena, chamando-o a novos testemunhos.

Pio XI desejaria fazer algumas recomendações "in extremis", mas sente-se invadido por uma corrente de frio inexplicável, que lhe paralisa todos os centros de força.

Os religiosos que o assistem compreendem que é chegado o fim de sua resistência e o Cardeal Lauri aproxima-se do moribundo, ministrando-lhe a Extrema Unção, segundo as tradições e hábitos da igreja.

O papa agonizante experimenta, então, todas as angústias do homem, no instante derradeiro... Aos olhos de sua imaginação, desenham-se os quadros nevados e deliciosos da Lombardia, na sua infancia descuidada e risonha, os velhos pais, amorosos e compassivos, o pároco humilde que o animou para os estudos primeiros e, depois, as proveitosas experiências nas ondas largas e bravias do oceano do mundo, junto aos esplendores de Milão e de sua catedral majestosa... Ele que orara, fervorosamente, tantas vezes, sentia agora uma dificuldade infinita para elevar o pensamento ao Deus de misericórdia e de sabedoria, que êle supunha no ambiente faustoso de seus templos frios e suntuosos... Uma lágrima pesada lhe rolou dos olhos, cansados das penosas preocupações do mundo, enquanto o raciocínio se lhe

perdia em amargas conjecturas.

Não era êle o Vigário Geral do Filho Deus sôbre a Terra? Sua personalidade não ostentava o titulo de Príncipe do Clero?

Num derradeiro olhar, fixou, ainda nas próprias mãos, o reluzente anel, chamado do Pescador... Desejou falar, ainda uma vez, aos companheiros, mergulhados em preces fervorosas, das meditações angustiadas da morte, mas percebeu que as suas cordas vocais estavam hirtas...

Foi quando, então, Pio XI começou a divisar, em derredor do seu leito de agonia, um compacto exército de sombras. Algumas lhe sorriam com solicitude, enquanto outras o contemplavam com indefinível melancolia. Ao seu lado, percebeu duas figuras veneráveis que o auscultavam, como se fossem médicos desconhecidos, vindos em socorro dos senhores Rochi e Bonanome, seus assistentes naquêle dia. Esses médicos do Invisível como que o submetiam a uma operação difícil e delicada...

Aos poucos, o velho pontifice romano sentiu que os olhos materiais se lhe apagavam amortecidos, mas, dentro de sua visão espiritual, continuava a perceber a presença de pessoas estranhas e que o rodeavam, dentre as quais se destacara um vulto simpático, que lhe estendia os braços, solícito e compassivo.

Pio XI não teve dificuldades em identificar

a figura respeitável que o acolhia com benevolência e carinho.

— “Leão XIII !...” — murmurou êle, no silencio íntimo de seu coração, recordando os instantes gloriosos de seu passado ecclesiastico.

Mas, a nobre entidade que se aproximava, abraçando-o, exclamou compassivamente:

— “Aquiles, cessam agora todos os preconceitos religiosos que formavam a indumentaria precisa ao cumprimento de tua grande missão no seio da igreja!... Chama-me Joaquim Pecci, porque, como hoje te recordas de Desio e da infancia longinqua, desejoso de recommençar a vida terrestre, que terminas neste instante, tambem eu me lembrei, no momento supremo, de minha risonha meninice em Carpineto, ansioso de regressar ao passado para encetar uma nova vida, porque a verdade é que todos nós, em assumindo os sublimes compromissos com a lição do Senhor, prometemos realizar uma tarefa para a qual nos sentimos frágeis e desalentados, em nossas imperfeições individuais...”.

E como Aquiles Ratti revelasse estupefação, diante do fenómeno, continuou a entidade amiga:

— “Levanta-te! Para o bom trabalhador ha poucas possibilidades de repouso!...”.

Nesse instante, com se fosse tocado por um poder maravilhoso, Pio XI notou que o seu corpo estava rígido, ao seu lado. Numerosos companheiros se aproximavam comovidos de seus des-

pojos, inclusive o Cardeal camerlengo, que se tomava de profunda emotividade frente á nova tarefa.

Procedia-se aos primeiros rituais, a que se obedece, em tais circunstancias, no Vaticano, quando a voz de Leão XIII se fez ouvir de novo:

— “Meu irmão — disse êle, austeramente — todos nós somos obrigados a comparecer ante o tribunal que nos julga por todos os átos levados a efeito na direção da igreja a que chamamos, imprópriamente, barca de São Pedro... Antes, porém, que sejas conduzido, pela legião dos seres espirituais que te esperam, ao tribunal dessas sentenças supremas, visitemos a nossa Jerusalém de pompa e de pecado, para nos certificarmos de suas ruinas proximas, ante o triunfo do Evangelho redentor!...”.

Nesse momento, o Cardeal Pacelli retirava do cadaver o anel simbólico, enquanto as duas entidades, abraçadas uma á outra, se dirigiam á Capela Sistina e daí á famosa basílica de São Pedro, para as tradicionais e antigas orações.

Penetrando ambos sob as colunas grandiosas que suportam a larga varanda, dizia o autor da enciclica “Rerum Novarum” para o seu vacilante companheiro:

— “Outrora, neste local, erguiam-se o Templo de Apolo, o Templo da Boa Deusa, o Palácio de Nero e outras expressões de loucura e de crueldade que condenamos, até hoje, nas doutrinas do

paganismo (1). Os tesouros de Constantino e de Helena modificaram a fisionomia do santuário aqui erguido, quando o sangue e as lágrimas dos martires semeavam as flores de Jesus Cristo sobre a face escura da Terra!... (1). Em lugar da humildade cristã, levantaram-se no Vaticano as magnificências de ouro e de pedrarias...”.

Atravessados os frontespícios suntuosos, as duas entidades ingressaram num ambiente pareci-

(1) Os cristãos aproveitaram muitos dos templos, com as alfaias pagãs, para transformá-los em igrejas suntuosas.

(1) Constantino foi o César Romano que adotou, oficializando-a, a religião cristã.

Sua mãe, Helena, mais tarde canonizada pela Igreja, dispondo de grandes riquezas, muito ajudou a expansão e progresso do cristianismo. Visitando Jerusalém (em 325), fez construir a chamada igreja do Santo Sepulcro. A ela, Helena, se atribue o encontro da verdadeira cruz na qual foi Jesus crucificado.

Onde se ergue hoje a grande basílica de S. Pedro, em Roma, construída por aquiescência de Constantino, e enriquecida com muitos dos ricos despojos tomados dos infieis, existia então um humilíssimo oratório subterrâneo.

Segundo a tradição, ali estava depositado o corpo de S. Pedro, que, em sítio próximo, sofrêra o martírio pela fé.

Todo o local, atualmente Vaticano, era pouco habitado, por insalubre, atribuindo-se febres ao ar húmido lá respirado. Por isso, embora visinho do Circo e dos jardins de Néro, era quasi deserto, permitindo que os cristãos ali se reunissem e ali guardassem os restos dos seus irmãos sacrificados nas perseguições ordenadas pelos sanguinários imperadores romanos.

do com os da história das “mil e uma noites”, recamado de um luxo fulgurante e indescritível. Por ali, ha o sinal dos artistas de todos os séculos. Monumentos da pintura e da escultura de todos os tempos assombram os forasteiros espirituais que acompanham a cena grandiosa e melancolica. As imagens, os altares, as colonatas, os anjos de pedra, os nichos suntuosos se multiplicam em deslumbramento maravilhoso.

Chegadas ao pé da magnífica estátua de São Pedro, talhada no antigo bronze da imagem de Júpiter Capitolino (2), que toda Roma venerava em épocas remotas, estátua essa idealizada sob as ordens de Leão Magno, quando das vitórias romanas sobre o gênio estratégico e belicoso de Atila, as duas entidades se detiveram, pensativas.

(2) Capitólio ou Monte Capitolino, que tinha então dois cumes, era uma das sete colinas de Roma, onde se viam vários templos, o Atenêu dos poetas, o Tabulário (onde se guardavam as leis) e obras de arte, inclusive o Arco de Cipião, o africano, e estátua equestre de Marco Aurélio, em um; no outro cume, a famosa cidadela, que Tácito declarava inexpugnável. Quasi tudo desapareceu. Aí se erguia, em honra de Júpiter — o maior dos deuses — o considerado primeiro templo Romano. Em seu lugar, foi mais tarde construída a Igreja chamada — Ara Coeli, sob a invocação da Virgem Maria. O que resta do Capitólio, em nossos dias, não dá idéia sequer do que foi, bastando salientar estar constituido pela praça central, então denominada — entre-os-montes, á qual se chega por uma escada magnífica, cujo desenho se deve a Miguel Angelo, e onde figuram algumas das velhas e primorosas estátuas e colunas salvas das ruínas.

Obedecendo aos seus antigos hábitos, Pio XI ajoelhou-se e ocultando o rosto entre as mãos, orava fervorosamente, quando uma voz sublimada e profunda lhe atinge em cheio a consciência, como se proviesse das ilimitadas profundezas do céu, chegando aos seus ouvidos por um processo misterioso:

— “Meu filho — exclamava a voz espiritual, na sua grandeza terrível e melancólica — como pudeste perseverar no mesmo caminho dos teus orgulhosos antecessores?... Frente a essa estátua soberba, talhada no bronze de Júpiter Capitolino, toda a igreja romana supõe homenagear a minha memória, quando nada mais fui que simples pescador, seduzido pela grandeza celeste das sublimes lições do Senhor, no cenáculo de luz do Tiberiades!... Convocado pelo Mestre Divino a edificar a minha fé, em favor do seu grande rebanho de ovelhas tresmalhadas do aprisco, não tive a força necessária para seguir-lhe o divino heroísmo, no instante supremo, chegando a negá-lo em minha indigência espiritual!... Ainda assim, não obstante a minha fraqueza, foi a mim que a igreja escolheu para a homenagem dessas basílicas luxuosas, que, como esta imagem fulgurante, representam a continuidade das velhas crenças erroneas do império da impiedade, eliminadas pela suave luz das verdades consoladoras do Cristianismo!... Sómente agora, verificas a ilusão do teu anel do Pescador e da tua tiara de São

Pedro!... Eu não conheci outras joias, nem outras riquezas, além daquelas que se constituíam de minhas mãos calejadas no esforço penoso de cada dia!...

“Filho meu, amargurado está ainda o coração do nosso Salvador, em virtude do caminho escabroso adotado pela quasi generalidade dos sacerdotes nas igrejas degeneradas, que militam na oficina terrestre!... Todos os que se sentaram, como tu, nesses tronos de impiedade prometeram ao céu a reforma integral dos velhos institutos romanos, em favor da essência do Evangelho, no pensamento universal; mas, como tu, os teus predecessores esbarraram, igualmente, no rochedo do orgulho, da vaidade e da impenitência, comprometendo o grande barco da fé em Jesus Cristo, entre as marés bravias das iniquidades humanas!...

“Falaste da paz; mas, realizaste pouco, ante o dragão político que te espreitava na sombra, naufragando nos conceitos novos que vestem as crueldades das guerras de conquista!...

“Reformaste o Vaticano, estabelecendo alianças políticas ou adotando as facilidades do progresso científico que enriquece a civilização desesperada do século XX; mas, esqueceste de levar aos teus míseros tutelados as fórmulas reais da verdade e do bem, da paz e da esperança, no amor e na humildade, que perfumam os ensinamentos do Redentor!...

“Grande sacerdote do mundo pelas tuas qualidades de cultura e pela generosidade de tuas intenções, serás agora julgado pelo tribunal que aprecia quantos se arvoram, na Terra, em discípulos do Senhor!... Do mundo das convenções já recebeste todo o julgamento, com as homenagens políticas dos povos; agora, entrarás na luz do Reino de Deus, para aprenderes de novo a grande lição dos “muitos chamados e poucos escolhidos”!... .

Pio XI sentiu que o seu coração se despedaçava, em soluços atrozes.

Olhou em derredor de si e não lobrigou mais ninguém a seu lado. Todos os sorrisos compassivos dos companheiros da morte haviam desaparecido, sob o influxo de uma força misteriosa.

Quiz contemplar a cúpula magnífica de seu templo soberbo, mas sentiu-se cercado de pesadas sombras, em cujo seio um frio cortante lhe enregelava o coração.

Foi assim que, penetrando a grande noite do túmulo, o grande sacerdote terrestre perdeu a noção de si mesmo, para despertar, em seguida, frente ao tribunal da justiça divina, onde pontificam os mais íntegros de todos os juizes, dentro das leis misericordiosas do amor, da piedade e da redenção.

(Recebida pelo médium Francisco Candido Xavier, em 13 de Fevereiro de 1939).

O Carnaval no Rio

O carnaval no Rio de Janeiro, em 1939, foi mais uma nova realização da alegria carioca, entornando nas almas da agigantada Sebastianopolis o vinho dos prazeres faceis e das vibrações ruidosas, que produz o temporário esquecimento das mais nobres responsabilidades da vida.

Um escritor, incarnado ou desincarnado, que venha falar contra os excessos do período carnavalesco, no Rio, costuma perder o seu tempo e o seu esforço sagrado.

Os três dias de Momo são integralmente destinados ao levantamento das máscaras com que todo sujeito sae á rua nos demais dias do ano, e a maioria dos leitores não deseja sacrificar a paz de seus hábitos mais antigos. Mate-se o vizinho, gritem as estatísticas, protestem os religiosos, chozem os foliões que não puderam sair da intimidade domestica, o imperativo do momento é buscar o

turbilhão da Avenida ou descer dos morros por bres e tristes para a Praça Onze, em face do apelo irresistível de Momo e de seus incontáveis seguidores.

Tanto cuidado dedicou-se no Rio ao reinado bufo, que o governo amparou as tendências generalizadas do povo, porque o homem da administração, preocupado com os fenômenos diplomáticos e com as tabelas orçamentárias, não dispõe de tempo para atender ao total das necessidades dos governados, apreciando, pela rama, as suas preferências, cumprindo á sua psicologia política satisfazer ás exigências populares, para que as massas o deixem em paz, na soledade do gabinete, dentro da solução dos seus graves problemas administrativos de ordem imediata. Foi desse modo que atraímos grandes correntes turísticas, não mais para a contemplação das belezas topográficas da cidade valorosa de São Sebastião, mas para o conhecimento das paixões desencadeadas do nosso povo em meneios de Terpsicore africana.

Neste ano, intensificaram-se as folganças, com a nota dos marinheiros ianques e suecos, que se entregaram totalmente á folia.

O movimento carioca causou uma vida nova. Não faltou mesmo a nota alegre e pitoresca da criança que nasceu em Niteroi, em plena rua, sobre um leito improvisado de serpentinas. Os jornais e as estações radiofônicas não tiveram outro assunto, que não fosse o da vitória de Momo, no

seu reinado extravagante de orgia. Os comerciantes se pronunciaram. A cerveja, o chope e outras bebidas tiveram o consumo aproximado de cinco milhões de garrafas. Movimentação extraordinária e lucros assombrosos. Prosperaram os negócios da Central e da Cantareira.

Houve, porém, outra estatística menos conhecida.

O Delegado de Menores recebeu quatrocentas e doze reclamações, sôbre crianças desaparecidas. Só no Posto Central da Assistência Municipal foram atendidas mais de mil e cem pessoas. A par da progressão dos negócios, multiplicaram-se as agressões, proliferou o crime, intensificaram-se as quedas na via pública, os acidentes de toda natureza, os desastres de automoveis, as expressões de alcoolismo, as tentativas de suicídio, as intoxicações, os casos de hospitalização imediata, sem nos referirmos aos dolorosos dramas da sombra, que ficaram na penumbra, receiosos da inquirição policial e da crítica dos vizinhos.

O carnaval passou qual a onda furiosa, levando, como sempre, todos os bons sentimentos ainda vacilantes, que aguardavam a ancora da fé pura, afim de se consolidarem no mar infinito da Vida.

Diante das vibrações carnavalescas do povo carioca, nós nos calamos, porém, como o homem que lastima as irreflexões de um amigo, silenciando, quanto ao seu proceder, em face das quali-

dades generosas que lhe exornam a personalidade.

Somos dos que crêem na eficácia da educação para o extermínio completo desses excessos dolorosos, porquanto todo o problema é de ordem educativa.

A propósito dessa necessidade imediata do nosso povo, apraz-me recordar, nesta página, a lenda da maçã pôdre, que li, alhures, sem poder determinar, no momento, o objeto preciso de minha lembrança.

Reunidos na praça pública, alguns velhos patrióticos romanos falavam dos desvios do Império e da penosa decadência dos seus costumes em família. Alguns, possuidores de esperança, apelavam para a guerra ou para novos decretos de força, que compelissem os seus compatriotas ao cumprimento dos mais sagrados deveres da existência. Contudo, um dos componentes do grupo tomou de uma grande maçã pôdre, exclamando:

—“Esta maçã, meus amigos, é o símbolo do atual Império. Nunca mais voltaremos ao seio das nossas antigas tradições!... No dia em que esta fruta voltasse a ser bela, retomando a sua pureza primitiva, também nós teríamos restaurado a alegria de nossa vida, com a volta aos sagrados costumes!...”

Os companheiros seguiam-lhe a palavra, com atenção, quando o mais velho e o mais experiente de todos respondeu com austera nobreza:

— “Enganai-vos, meu amigo!... Podere-

mos renovar a nossa vida, como essa fruta poderá vir, mais tarde, a ser nova e bela. Tomemos as sementes desta maçã condenada e deitemô-las, de novo, no seio da terra generosa. Cultivemos os seus rebentos com cuidado e amor e, sob o amparo do tempo, o nosso esforço vê-la-á multiplicada em novas maçãs frescas e formosas!... Façamos assim também com o nosso povo. Busquemos semear na ala das gerações florescentes os princípios sagrados de nossas tradições e dos nossos hábitos e, mais tarde, toda podridão terá passado na esteira do tempo, para caminharmos pelo futuro a dentro, com a pureza do nosso idealismo!”

O carnaval é a maçã pôdre do Rio de Janeiro. Na sua intimidade, porém, está a semente generosa dos elevados sentimentos da alma brasileira. Cultivemos essas sementes sagradas no espírito das gerações que surgem. Que se congreguem todos os núcleos do bem e, muito especialmente, os do Espiritismo cristão, para as sublímadas realizações desse grande labor educativo e a podridão terá passado com o tempo, afim de que possamos trabalhar, em nosso sagrado idealismo, sob as luzes generosas e augustas do Cruzeiro.

(Recebida pelo médium Francisco Candido Xavier, em 12 de Março de 1939).

Historia de um Médiun

As observações interessantes sôbre a doutrina dos Espíritos sucediam-se umas ás outras, quando um amigo nosso, velho lidador do Espiritismo, no Rio de Janeiro, acentuou, gravemente:

— “Em Espiritismo, uma das questões mais sérias é o problema do médium...”.

— “Sob que prisma?” — indagou um dos circunstantes.

— “Quanto ao da necessidade de sua propria edificação para vencer o meio”.

— “Para esclarecer a minha observação, — continuou o nosso amigo — contar-lhe-ei a historia de um companheiro dedicado, que desincarnou, ha poucos anos, sob os efeitos de uma obsessão terrível e dolorosa”.

Todo o grupo, lembrando os habitos antigos, como se ainda estacionassemos num ambiente terrestre, aguçou os ouvidos, colocando-se á escuta:

— “Azarias Pacheco, — começou o narrador — era um operário despreocupado e humilde do meu bairro, quando as forças do Alto chamaram o seu coração ao sacerdocio mediunico. Moço e inteligente, trabalhava na administração dos serviços de uma oficina de concertos, ganhando, honradamente, a remuneração mensal de quatrocentos mil réis.

Em vista do seu espírito de compreensão geral da vida, o Espiritismo e a mediunidade lhe abriram um novo campo de estudos, a cujas atividades se entregou sob uma fascinação crescente e singular.

Azarias dedicou-se amorosamente á sua tarefa, e, nas horas de folga, atendia aos seus deveres mediunicos com irrepreensivel dedicação. Elevados mentores do Alto forneciam lições proveitosas, através de suas mãos. Medicos desincarnados atendiam, por êle, a volumoso receituário.

E não tardou que o seu nome fosse objeto de geral admiração.

Algumas notas de imprensa evidenciaram ainda mais os seus valores medianímicos e, em pouco tempo, a sua residencia humilde povoava-se de caçadores de anotações e de mensagens. Muitos deles diziam-se espíritas confessos, outros eram crentes de meia-convicção ou curiosos do campo doutrinário.

O rapaz, que guardava sob a sua responsabilidade pessoal numerosas obrigações de familia,

começou a sacrificar primeiramente os seus deveres de ordem sentimental, subtraindo á esposa e aos filhinhos as horas que habitualmente lhes consagrava, na intimidade domestica.

Quasi sempre cercado de companheiros, restavam-lhe apenas as horas dedicadas á conquista de seu pão quotidiano, com vistas aos que o seguiam carinhosamente pelos caminhos da vida.

Havia muito tempo perdurava semelhante situação, em face de sua preciosa resistência espiritual, no cumprimento de seus deveres.

Dentro de sua relativa educação medianímica, Azarias encontrava facilidade para identificar a palavra de seu guia sábio e incansavel, sempre a lhe advertir quanto á necessidade de oração e de vigilancia.

Acontece, porém, que cada triunfo multiplicava as suas preocupações e os seus trabalhos.

Os seus admiradores não queriam saber das circunstancias especiais de sua vida.

Grande parte exigia as suas vigílias pela noite dentro, em longas narrativas dispensáveis. Outros alegavam os seus direitos ás exclusivas atenções do medium. Alguns acusavam-no de preferencias injustas, manifestando o gracioso egoismo de sua amizade, expressando o ciúme que lhes ia n'alma, em palavras carinhosas e alegres. Os grupos doutrinários disputavam-no.

Azarias verificou que a sua existência tomava um rumo diverso, mas os testemunhos de tan-

tos afetos lhe eram sumamente agradáveis ao coração.

Sua fama corria sempre. Cada dia era portador de novas relações e novos conhecimentos.

Os centros importantes começaram a reclamar a sua presença e, de vez em quando, surpreendiam-no as oportunidades das viagens pelos caminhos de ferro, em face da generosidade dos amigos, com grandes reuniões de homenagens, no ponto de destino.

A cada instante, um admirador o assaltava:

— “Azarias, onde trabalha você?...”.

— “Numa oficina de concertos”.

— “O! O!... e quanto ganha por mês?”.

— “Quatrocentos mil réis”.

— “O! mas isso é um absurdo... Você não é creatura para um salário como esse! Isso é uma miséria!...”.

Em seguida outros ajuntavam:

— “O Azarias não pôde ficar nessa situação. Precisamos arranjar-lhe coisa melhor no centro da cidade, com uma remuneração á altura de seus méritos ou, então, poderemos tentar-lhe uma colocação no serviço público, onde encontrará mais possibilidades de tempo para dedicar-se á missão...”.

O pobre medium, todavia, dentro de sua capacidade de resistencia, respondia:

— “Ora, meus amigos, tudo está bem. Cada qual tem na vida o que mereceu da Providência

Divina e, além de tudo, precisamos considerar que o Espiritismo tem de ser propagado, antes do mais, pelos Espíritos e não pelos homens!...”.

Azarias, contudo, se era medium, não deixava de ser humano.

Requisitado pelas exigências dos companheiros, já nem pensava no lar e começava a assinalar sua ficha de serviços faltas numerosas.

A princípio, algumas raras dedicações começaram a defendê-lo na oficina, considerando que, aos olhos dos chefes, suas falhas eram sempre mais graves que as dos outros colegas, em virtude do renome que o cercava; mas, um dia, foi êle chamado ao gabinete de seu diretor que o despediu nestes termos:

— “Azarias, infelizmente não me é possível conservá-lo aqui, por mais tempo. Suas faltas no trabalho atingiram o máximo e a administração central resolveu eliminá-lo do quadro de nossos companheiros”.

O interpelado saiu com certo desapontamento, mas lembrou-se das numerosas promessas dos amigos.

Naquêle mesmo dia, buscou providenciar para uma nova colocação, mas, em cada tentativa, encontrava sempre um dos seus admiradores e conhecidos que obtemperava:

— “Ora Azarias, você precisa ter mais calma!... Lembre-se de que a sua mediunidade é um patrimônio de nossa doutrina... Socega, ho-

mem de Deus!... Volte á casa e nós todos sabemos ajudá-lo neste transe”.

Na mesma data, ficou assentado que os amigos do medium se cotisariam, entre si, de modo que êle viesse a perceber uma contribuição mensal de seiscentos mil réis, ficando, desse modo, habilitado a viver tão sómente para a doutrina.

Azarias, sob a inspiração de seus mentores espirituais, vacilava, ante a medida, mas á frente de sua imaginação estavam os quadros do desemprego e das imperiosas necessidades da família.

Embora a sua relutancia íntima, aceitou o alvitre.

Desde então, a sua casa foi o ponto de uma romaria interminavel e sem precedentes. Dia e noite, seus consulentes estacionavam á porta. O medium buscava atender a todos como lhe era possível. As suas dificuldades, todavia, eram as mais prementes.

Ao cabo de seis meses, todos os seus amigos haviam esquecido o sistema das cotas mensais.

Desorientado e desvalido, Azarias recebeu os primeiros dez mil réis que uma senhora lhe ofereceu após o receiptuário. No seu coração, houve um toque de alarma, mas o seu organismo estava enfraquecido. A esposa e os filhos estavam repletos de necessidades.

Era tarde para procurar, novamente, a fonte do trabalho. Sua residência era objeto de uma perseguição tenaz e implacavel. E êle continuou

recebendo.

Os mais sérios disturbios psiquicos o assaltaram.

Penosos desequilíbrios íntimos lhe inquietavam o coração, mas o medium sentia-se obrigado a aceitar as injunções de quantos o procuravam levianamente.

Espíritos enganadores aproveitaram-se de suas vacilações e encheram-lhe o campo mediunico de aberrações e descontrôles.

Si as suas ações eram agora remuneradas e se delas dependia o pão do seus, Azarias se sentia na obrigação de prometer alguma coisa, quando os Espíritos não o fizessem. Procurado para a felicidade no dinheiro, ou exito dos negocios ou nas atrações do amôr do mundo, o medium prometia sempre as melhores realizações, em troca dos miseros mil réis da consulta.

Entregue a esse genero de especulações, não mais pôde receber o pensamento dos seus protetores espirituais mais dedicados.

Experimentando toda a sorte de sofrimentos e de humilhações, se chegava a queixar-se, de leve, havia sempre um cliente que lhe observava:

— “Que é isso, “seu” Azarias?... O senhor não é medium? Um medium não sofre essas coisas!...”.

Se alegava cansaço, outro objetava, de pronto, ansioso pela satisfação de seus caprichos:

—“E a sua missão, “seu” Azarias?... Não se esqueça da caridade!...”

É o medium, na sua profunda fadiga espiritual, concentrava-se, em vão, experimentando uma sensação de angustioso abandono, por parte dos seus mentores dos planos elevados.

Os mesmos amigos da véspera, piscavam, então, os olhos, falando, em voz baixa, após as despedidas:

— “Você já notou que o Azarias perdeu de todo a mediunidade?...” — dizia um deles.

— “Ora, isso era esperado — redarguia-se — desde que êle abandonou o trabalho para viver á custa do Espiritismo, não podíamos aguardar outra coisa”.

— “Além disso — exclamava outro do grupo — todos os vizinhos comentam a sua indiferença para com a família, mas, de minha parte sempre vi no Azarias um grande obsidiado”.

— “O pobre do Azarias perverteu-se — falava ainda um companheiro mais exaltado — e um medium nessas condições é um fracasso para a própria doutrina...”.

— “E’ por essa razão que o Espiritismo é tão incompreendido! — sentenciava ainda outro. Devemos tudo isso aos máus mediums que envergonham os nossos princípios”.

Cada um foi esquecendo o medium, com a sua definição e a sua falta de caridade. A própria fa-

mília o abandonou á sua sorte, tão logo haviam cessado as remunerações.

Escarnecido em seus afetos mais caros, Azarias tornou-se um revoltado.

Essa circunstancia foi a ultima porta para o livre ingresso das entidades perversas que se asseinhorearam de sua vida.

O pobre naufrago da mediunidade perambulou na crônica dos noticiarios, rodeado de observações ingratas e de escandalosos apontamentos, até que um leito de hospital lhe concedeu a benção da morte...”.

O narrador estava visivelmente emocionado, rememorando as suas antigas lembranças.

— “Então, quer dizer, meu amigo — observou um de nós — que a perseguição da policia ou a perseguição do padre não são os maiores inimigos da mediunidade...”.

— “De modo algum — replicou êle, convicto. O padre e a policia podem até ser os portadores de grandes bens”.

E, fixando em nós outros o seu olhar percuente e calmo, rematou a sua história, sentenciando, gravemente:

— “O maior inimigo dos mediums está dentro de nossos próprios muros!...”.

(Recebida pelo medium Francisco Candido Xavier, em 29 de Abril de 1939).

No Banquete do Evangelho

Dizia Luciano de Samosata que a vida humana deve valer, não pela sua extensão, mas pela sua intensidade de sofrimento.

No plano dos homens desincarnados, somos compelidos a renovar esse conceito, na taboa de um novo reajustamento, acrescentando que a existência do homem deve valer pela intensidade da sua edificação espiritual.

Não basta sofrer desesperadamente, como o naufrago revoltado, recolhido na onda de sua própria imprevidência. É necessário conhecer a finalidade da dôr, lapidaria da evolução e eterna obreira do Espírito.

A morte não é sinônimo de renovações integrais e definitivas. Para o homem que demandou o reino das sombras, ainda existe o véu de Isis, e, no seu coração, ainda ressoam as célebres exortações do oráculo de Delfos. Encontramo-nos “nes-

te outro lado da vida", com as mesmas inquietações e com a mesma necessidade de aperfeiçoamento. E, não raro, sentimo-nos envolvidos na rêde caprichosa dos cálculos de Édipo (1), ansiosos por solver os nossos problemas próprios.

Não obstante o milagroso elixir das letras, do qual abusei largamente no mundo, sinto-me hoje tão necessitado de conhecimento, como nos tempos da infancia, em Miritiba, quando minha mãe me conduzia á ferula do velho professor Agostinho Simões, que me apavorava com os seus gestos selvagens, junto da palmatória.

A escola do mundo tem aqui o seu prolongamento lógico e é inútil que o nosso pensamento se perca nas cogitações da dúvida, agora injustificável pela ausência da indumentária larval.

Examinando o Evangelho, nada mais realizais que um belo esforço, em favor de vossa iluminação nas sendas do Infinito. Sois aqueles

(1) OEDIPO, cujo Destino seria assassinar o pai e casar-se com sua própria mãe (segundo os oráculos), foi, por esse motivo, abandonado num monte, e daí salvo e educado em côrte estrangeira.

Ignorando sua origem, quando adulto pediu ao oráculo a sua profecia, e êste lhe repetiu o que já outro prognosticára. OEDIPO, para fugir a tão horrendo crime, exilou-se, e o Destino o guiou exatamente para junto dos pais, onde se cumpriu, sem que êle os conhecesse, a terrível predição.

E' uma das mais interessantes, acidentadas e emocionais criações da Mitologia. Poetas, músicos e pintores tomaram-na para assunto de notáveis e celebres trabalhos.

marinheiros precavidos e seguros que, entre os rochedos perigosos e ocultos da maré brava, sabem enxergar o leque de luz que os faroleiros desdobram sôbre as aguas, na sua doce tarefa de sacrificio.

Ides lêr uma página acerca das consequências nefastas do orgulho, analisando, simultaneamente, a harmoniosa luz da humildade.

A propósito do assunto, ocorre-me lembrar-vos que nós, os intelectualistas e homens de letras, possuímos aqui, igualmente, os nossos circulos espirituais de estudos evangelicos, em horas previamente determinadas pelos generosos amigos que nos orientam do Alto.

Se é verdade que as reuniões das quintas-feiras, na Academia Brasileira de Letras, eram o último encanto intelectual dos derradeiros dias de minha vida, agora, a minha nova alegria verifica-se ás quartas, quando de nossas assembléias deliciosas e amigas, no Templo de Ismael. Se no mundo prevaleciam as expressões ruidosas da ornamentação exterior, com os fardões academicos, os pesados livros de literatura ou de ciência, junto das mulheres elegantes e gozadoras da vida, o meu júbilo, no momento, é mais íntimo e mais profundo, porquanto, aqui, preponderam as harmonias do bem e as luzes da humildade cristã.

Nessas reuniões, por várias vezes, emergem ainda as recordações da Terra, acordando o fantasma de nossa saudade morta; porém, a Verda-

de de Jesus está sempre brilhando, com o sagrado objetivo de nos ensinar o caminho, nos arquivos do Tempo.

Ainda no dia 31 de Maio ultimo (1), reuniamo-nos na Casa de Ismael, aguardando o banquete de iguarias espirituais. Discutiamos a moção apresentada pelo Dr. Carlos Fernandes, em nome da Sociedade de Medicina e Cirurgia, ao Ministério da Educação, reforçando a propaganda da "Hora Espírita Radiofônica" e assegurando mais essa vitória espiritual em nosso ambiente cultural. Comentavamos os acontecimentos do Rio e falavamos de suas personalidades mais eminentes, buscando, de vez em quando, uma imagem mais forte no acêrvo das ciências humanas, para justificar esse ou aquele conceito. Presidia á nossa assembléia a figura austera e simples de Pedro Richard, entidade amável e amiga, em cujo coração fraterno encontramos as melhores expressões de fraternidade em todos os dias. Richard não é o Espírito que trouxe do mundo a súpula dos tratados e das enciclopédias que correm os ambientes intoxicados do século, com as pretensões mais descabidas. Seu coração não se contaminou com o veneno do intelectualismo perverso dos tempos que correm, mas

(1) Dia de sessão do Grupo "Ismael", núcleo espiritual da Federação Espírita Brasileira.

a sua sabedoria é a do poder da fé que soube de-vassar o mistério da vida.

— "Richard — disse eu, em dado instante, valendo-me dos recursos de minha passada literatice, no desdobramento de nossa palestra — você sabe que foi o Pisistrato (1) que ordenou a publicação das rapsódias homéricas?"

— "Ignoro — respondeu êle, humildemente — em compensação, sei que Jesus ordenou aos seus apóstolos a grafia dos Evangelhos".

— "Ah! é verdade!... — fizemos nós dentro de nossas taras psicológicas de jornalista desincarnado — sem os Evangelhos todo o esforço do mundo será justamente o trabalho improficuo das Danaides" (2).

— "Danaides? — exclamou o nosso amigo, na sua faina educativa. — Não preciso ainda desse conceito mitológico, porque no próprio Evangelho está escrito que não se coloca remendo novo em pano velho".

E é desse modo que, em cada conceito, surge para nós um ensino novo.

Por largo tempo ainda, comentámos a incuria dos nossos companheiros mais caros, conde-

(1) **Pisistrato** — tirão de Atênas, que muito embelezou e lhe deveu assinalados serviços.

(2) **DANAIDES** — Nome das cinquenta filhas de Danaus (rei mitológico do Egipto), as quais, menos uma, mataram — na própria noite nupcial — os respectivos maridos. Foram por isso condenadas, no Tártaro (fundo do Inferno mitológico), a encher um tonél sem fundo.

nando a indiferença dos corações desviados da luz e da fé, nos caminhos da ignorancia, sem os clarões amigos da Verdade. Em seguida, falamos da caridade e dos seus grandes labores na face da Terra, organizando-se, entre nós, os mais alevantados ideais para a construção de celeiros de atividade material, quando o nosso amigo sentenciou:

— “Irmãos, nesta Casa, temos de compreender que toda a caridade, em seus valores mais legítimos, deve nascer do Espírito para o Espírito. As idéias religiosas do mundo não se esqueceram de monumentalizar as suas teorias de abnegação e bondade. Hospitais e orfanatos, abrigos e templos se edificaram, por toda parte; entretanto, o homem foi esquecido para o Conhecimento e para Deus. A caridade que veste nós e alimenta os famintos está certa, mas não está justa, se desconhece o Evangelho no santuario do seu coração. A obra de Ismael tem de começar no íntimo das criaturas. Aqui, não podem prevalecer os antagonismos do homem, no acervo de suas anomalias. Iniciar pelo fim é caminhar para a inversão de todos os valores da vida. A Casa de Ismael tem de irradiar, antes de tudo, a claridade do amor e da sabedoria espiritual, objetivando o grandioso serviço da edificação das almas. Primeiramente, é necessário educar o operário para os preciosos princípios e finalidades da maquina. Iluminado o homem, estará iluminada a obra hu-

mana. A evolução da alma para Deus se fará, então, por si mesma, sem desvios da méta a ser alcançada. Não haverá razão para o sacrifício de seus pregoeiros, porque em cada coração existirá um hostiario celeste”.

— “Mas, Richard — objetou um de nós, fascinado pela sua erudição divina e pela clareza de sua logica — como poderemos fazer sentir a todos os nossos irmãos pela fé e pelo trabalho a sublimidade desses raciocínios?”.

Todavia, Pedro Richard apontou-nos para a luz que vinha da célula de Ismael, onde nos reuniram para receber as bênçãos das Alturas.

Bittencourt Sampaio já havia chegado para distribuir os fragmentos do pão milagroso de sua divina sabedoria.

E, em silêncio, como se nos aquietássemos sob uma força misteriosa, sentimos que serenavam, em nosso íntimo, todas as preocupações pueris trazidas do nevoeiro espesso do mundo. De alma genuflexa, esquecidos das querelas e das amarguras terrestres, recolhemos o coração na urna suave da fé, para ouvir, então como discípulos humildes, a lição de humildade, que nos trazia o grande apóstolo da mensagem excelsa e eterna do Christo.

(Recebida pelo médium Francisco Candido Xavier, em 6 de Junho de 1939).

Marte

“Enquanto as empresas de turismo organizam na Terra os grandes cruzeiros intercontinentais, realizando um dos mais belos esforços de socialização do século XX, no mundo dos Espíritos, organizam-se caravanas de fraternidade nos planos do intermundo.

Na região do estomago, o privilégio pertence aos sujeitos felizes, bem fichados nos círculos bancários, mas, nos planos do coração, os livros de cheque são desnecessários.

Novo Gulliver da vida, mergulho a minha observação nos espetáculos assombrosos, experimentando, além das aguas do Acheronte ⁽¹⁾, a mudança integral de todas as perspectivas.

(1) — **Aqueronte** — Nome de um dos quatro rios do Inferno, por onde as almas passavam sem esperança de regressar, e de curso tão impetuoso que arrasta, qual si fossem grãos de areia, grandes blocos de rochedos.

Encarcerado no ponto convencional de sua existência transitória, o homem terrestre é aquela coruja incapaz de enfrentar a luz da montanha, em pleno dia, suportando apenas a sombra espessa e triste de sua noite. Como Ajax, filho de Oileu (2), contempla, ás vezes, o tridente irado dos deuses, mas, embora a sua desesperação e o seu orgulho, não vai além da ilha, onde a maré alta o atirou, nos caprichosos movimentos do oceano da Vida.

A morte não é uma fonte miraculosa de virtude e de sabedoria. E', porém, uma asa luminosa de liberdade para os que pagaram os mais pesados tributos de dôr e de esperança, nas esteiras do Tempo.

Enquanto os astrônomos europeus e americanos examinam, cuidadosamente, os seus telescópios, para a contemplação da paisagem de Marte, á distancia de quasi trinta e sete milhões de milhas, preparando as lentes poderosas de seus instrumentos de optica, fomos nós felicitados com uma passagem gratuita ao nosso admiravel vizinho do sistema solar, cuja passagem, nas adja-

(2) — AJAX, filho de Oileu rei dos Lócrios (Grécia) era um príncipe intrépido, mas brutal e cruel.

Equipou quarenta navios para a guerra de Troia. Tomada esta, êle ultrajou uma profetisa de classe, que se refugiara no templo, motivo por que os deuses fizeram submergir sua esquadra.

Salvo do naufrágio, agarrou-se a um rochedo, dizendo, com arrogância: Escapei, apesar da cólera dos deuses!

Irritados com o despejado orgulho, os deuses o aniquilaram, ali mesmo.

cências do orbe, vem empolgando igualmente os núcleos de seres invisíveis, localizados nas regiões mais proximas da Terra.

A descrição das viagens, desde o principio deste século, é uma das modalidades mais interessantes da literatura mundial; todavia, o homem que vá do Rio de Janeiro a Tokio, de avião, sem escalas de qualquer natureza, não pôde descrever o caminho, com os seus detalhes mais interessantes. Transmitirá aos seus leitores a emoção da imensidade, mas não conseguirá pintar uma nuvem. Fôra de suas máquinas aéreas, poderia fornecer a impressão de uma águia, mas o turista do Espaço, para se fazer entendido pelos companheiros da carne, teria de recorrer ás figuras mais atrevidas do mundo mitológico.

E' por isso que apelarei aqui para o véu de Isis ou para o dorso de Pégaso, cuja patada fez brotar a fonte de Hipocrene, no Helicon das divindades (1).

Depois de alguns segundos, chegavamos ao termo nossa viagem vertiginosa.

(1) ISIS, uma das principais divindades egipcias. Tendo reinado durante muito tempo, foi, depois de morta, elevada á categoria de deusa (a canonisação dos tempos subsequentes), e em sua honra e culto celebravam-se ritos, chamados — Mistérios de Isis.

Na fôrma comum, é representada (á imagem das santas) sob a figura de uma joven mulher, sentada, amamentando um dos filhos, Horus, tendo sobre a testa duas pontas ou um globo lunar.

PÉGASO — Cavallo alado que tem destacados feitos na mitologia grega. Nêle iam os poetas em visita ao monte da

Dentro da atmosfera martiana, experimentamos uma extraordinária sensação de leveza... Ao longe, divisei cidades fantásticas pela sua beleza inédita, cujos edifícios, de algum modo, me recordavam a Torre Eiffel ou os mais ousados arranha-céus de Nova York. Maquinas possantes, como se fossem movidas por novos elementos do nosso "Helium" balouçavam-se, ao pé das nuvens, apresentando um vasto sentido de estabilidade e de harmonia, entre as forças aéreas.

Aos meus olhos, desenhavam-se panoramas que o meu Espírito imaginara apenas para os mundos ideais da mitologia grega, com os seus paraísos cariciosos.

Aturdido, interpelei o chefe da nossa caravana, que se conservava silencioso:

— "Se a Terra julga a influência de Marte como profundamente belicosa, como poderemos conciliar a definição dos astrólogos com os espetáculos reais?"

— "É, porventura — respondeu-me o excelente mentor espiritual — chegaste a conhecer no planeta terrestre um homem ou uma idéa, retirando a humanidade de sua rotina, sem sofrimento e sem guerra? Para o nosso mundo, Marte é um irmão mais velho e mais experimentado na

inspiração. Ainda hoje, em trôpo literario se diz que, em busca de inspiração, os poetas cavalgam o Pégaso. Nêsse monte, chamado Helicon, Pégaso, com uma patada, fez surgir a fonte da agua inspiradora, denominada Hipocrene, isto é — fonte do cavalo.

vida. Sua atuação no campo magnético de nossas energias cósmicas verifica-se de modo que os homens terrenos possam despir os seus envoltórios de separatividade e de egoísmo.

Mas, nesse instante, havíamos chegado a um belo cômodo atapetado de verdura florida.

Ante os meus olhos atônitos, rasgavam-se avenidas extensas e amplas, onde as construções eram fundamente análogas às da Terra.

Tive então ensejo de contemplar os habitantes do nosso vizinho, cuja organização física difere um tanto do arcabouço típico, com que realizamos as nossas experiências terrestres. Notei, igualmente, que os homens de Marte não apresentam as expressões psicológicas de inquietação, em que se mergulham os nossos irmãos das grandes metrópoles terrenas. Uma aura de profunda tranquilidade os envolve.

E' que, esclareceu o mentor que nos acompanhava, os martianos já solucionaram os problemas do sólo e já passaram pelas experimentações da vida animal, em suas fases mais grosseiras. Não conhecem os fenômenos da guerra e qualquer flagelo social seria, entre êles, um acontecimento inacreditavel. Evoluíram sem as expiações coletivas, amarguradas e terríveis, com que são atormentados os povos insubmissos da Terra. As pátrias, aí, não recebem o tributo do sangue ou da morte de seus filhos, mas são departamentos econômicos e órgãos educativos, administra-

dos por instituições justas e sábias.

Era tempo, contudo, de observarmos a cidade com as suas disposições interessantes.

O leitor não poderá dispensar o nome dessa cidade prodigiosa e á falta de termos, comparativos, chamemo-la Marciópolis.

Orientados pelo amigo que nos dirigia a singular excursão, atingimos extensa praça, onde se erguia um templo maravilhoso pela sua imponência, tocada de majestosa simplicidade, e onde, ao que fomos informados, se haviam reunido todos os crédos religiosos.

De uma de suas eminencias, vimos o nosso sol, bastante diferenciado, entornando na paisagem as tintas do crepúsculo.

A vegetação de Marte, educada em parques gigantescos, sofria grandes modificações, em comparação com a da Terra. E' de um colorido mais interessante e mais belo, apresentando uma expressão avermelhada em suas características gerais.

Na atmosfera, ao longe, vagavam nuvens imensas, levemente azuladas, que nos reclamaram a atenção, explicando-nos o mentor da caravana fraterna que se tratava de espessas aglomerações de vapor dagua, creadas por máquinas poderosas da ciência martiana, afim de que sejam supridas as deficiencias do liquido nas regiões mais pobres e mais afastadas do largo sistema de canais, que

ali coloca os grandes oceanos polares em contínua comunicação, uns com os outros.

Tais providências, explica o espirito superior e benevolente, destinam-se a proteger a vida dos reinos mais fracos da natureza planetária, porque, em Marte, o problema da alimentação essencial, através das fôrças atmosféricas, já foi resolvido, sendo dispensavel aos seus habitantes felizes a ingestão das visceras cadavéricas dos seus irmãos inferiores, como acontece na Terra, superlotada de frigorificos e de matadouros.

Todavia, ao apagar das luzes diurnas, o grande templo de Marciópolis enchia-se de povo. Observei que a nossa presença espiritual não era percebida, mas podíamos examinar a multidão, á vontade, em seus mínimos movimentos.

Todos os grandes centros deste planeta, esclareceu o nosso amigo e mentor espiritual, sentem-se incomodados pelas influências nocivas da Terra, o único orbe de aura infeliz, nas suas visinhanças mais proximas, e, desde muitos anos, enviam mensagens ao globo terraqueo, através das ondas luminosas, as quais se confundem com os raios cosmicos, cuja presença, no mundo, é registrada pela generalidade dos aparelhos radiofônicos.

Ainda ha pouco tempo, o Instituto de Tecnologia da California inaugurou um vasto período de experimentações, para averiguar a procedência dessas mensagens, misteriosas para o homem

da Terra, anotadas com mais violência pelos balões estratosféricos, conforme as demonstrações obtidas pelo dr. Robert Millikan, nas suas experiências científicas.

A palestra esclarecedora seguia o seu curso interessante, mas os movimentos na praça acentuavam-se, sobremaneira.

No horizonte, surgia uma grande estrela de luz avermelhada, enquanto os dois satélites martianos resplandeciam.

Todos os olhares fitavam o céu, anciosamente. Aquela estrela era a Terra.

Uma comissão de cientistas iniciou, da tribuna maior do santuário, uma vasta série de estudos sobre o nosso mundo distante. Aparelhos luminosos foram afixados, na praça pública, ao passo que presenciávamos a exibição de mapas quasi irrepreensíveis dos nossos continentes e dos nossos mares. Teorias notáveis com respeito á situação espiritual do planeta terrestre foram expendidas, entendendo perfeitamente as idéias dos estudiosos que as expunham, através da linguagem universal do pensamento.

A Terra enviava-nos a sua claridade, em reflexos tremulos e tristes, observando, então, que os martianos haviam povoado o seu templo de telescópios poderosos.

Enquanto os melhores aparelhos da America possuem um diametro de duzentas polegadas, com a possibilidade de aumentar a imagem de Marte

doze mil vezes, a astronomia martiana póde contemplar e estudar a Terra, aumentando-lhe a imagem mais de cem mil vezes, chegando ao extremo de examinar as vibrações de ordem psíquica, na sua atmosfera.

A nossa grande surpresa não parou aí, entre os mais avançados aspectos de evolução e de cultura.

Enquanto a luz avermelhada da Terra tocava a nossa visão espiritual, viamos que todas as multidões do templo se haviam aquietado, de leve... A ciência unida á fé apresentava um dos espetáculos mais belos para o nosso espírito.

Vimos, então, que ao influxo poderoso daquelas mentes irmanadas no mesmo nivel evolutivo, pela sabedoria e pelo sentimento, formára-se sobre o santuário uma estrada luminosa, em cujos reflexos descera do Alto um mensageiro celeste.

Recebido com as intensas vibrações de um júbilo divino e silencioso, a figura, quasi angélica, começou a falar, depois de uma prece comovedora:

— “Irmãos, ainda é inutil toda a tentativa de comunicação com a Terra rebelde e incompreensível! Debalde os astrónomos terrenos vos procuram anciosos, nos abismos do Infinito!... Seus telescópios estão frios, suas máquinas, geladas.

Faltam-lhes os ardores divinos da intuição sublime e pura, com as vibrações da fé que os levariam da ciência transitória á sabedoria imortal. Fatigados na impenitência que lhes caracteriza as atividades inquietas e angustiosas, os homens terrestres precisam de iluminação pelo amor, afim de que se afastem do círculo vicioso da destruição, na tecnocracia da guerra. Lá, os irmãos se devoram uns aos outros, com indiferença monstruosa! Os povos não se afirmam pelo trabalho ou pela cultura, mas pelas mais poderosas máquinas de morticínio e de arrazamento. Todos os progressos científicos são patrimonio do egoismo utilitário ou elementos sinistros da ruína e da morte!... Enquanto as árvores de Deus frondejam no caminho da Vida e do Tempo, cheias de frutos cariciosos, as creaturas terrenas consideram-se famintas de violência e de sangue. A ciência de sêres como êsses não poderia entender as vibrações mais elevadas do Espírito! Os vícios de uma falsa cultura casam-se aos vícios das religiões convencionalistas, que estacionam em exterioridades nocivas ou se detêm nos fenômenos, sem cogitar das causas profundas, esquecendo-se o homem do templo divino do seu coração, onde as bênçãos de Deus desejam florir e semear a vida eterna!... Tão singulares desequilíbrios provocaram na personalidade terrestre um sentido bestial que lhe

corrompe os mais preciosos centros de força e, sómente agora, cogitam as instituições divinas da transição necessária, afim de que a vida na Terra se efetive, com o sentido da verdadeira humanidade, ali conhecido tão sómente na exposição teórica de alguns espíritos isolados!... Irmãos, contemplemos a Terra e peçamos ao Senhor do Universo para que as modificações, precisas ao seu aperfeiçoamento, sejam menos dolorosas ao coração de suas coletividades! Oremos pelos nossos companheiros, iludidos nas expressões animais de uma vida inferior, de modo que a luz se faça em seus corações em suas consciências, possibilitando as vibrações reciprocas de simpatia e comunicação, entre os dois mundos!...”.

A multidão ouvia-lhe a palavra, atenta e comovida, e nós lhe escutavamos a exortação profunda, como se fomos convocados, de longe, pela harmonia mágica da lira de Orfeu (1), quando o

(1) — ORFEU — O músico mágico da mitologia. Seus acordes encantavam, e atraíam as próprias feras. Tendo sua esposa Eurídice, sido picada e morta por uma serpente, no dia nupcial, êle foi ao Inferno onde obteve, pela sedução da sua lira, que divindades dali lhe ressuscitassem a consorte, com a condição, porém, de não olhar para atraz, antes de deixar os limites do Inferno, clausula que Orfeu infringiu. Essa lenda serviu de enredo á conhecida ópera de Gluck — ORFEU.

nosso mentor espiritual nos acordava do extase, a nos bater levemente nos hombros, chamando-nos ao regresso

Em todos os logares, há os que mandam e vivem os que obedecem. Na categoria dos últimos, voltamos ás esféras espirituais da Terra, como o homem ignorante que fizesse um vôo, sem escalas, através do mundo, confundido e deslumbrado, embora não lhe seja possível definir o mais leve traço de seu espantoso caminho. — *Humberto de Campos.*

(Recebida pelo medium Francisco Candido Xavier, em 25 de julho de 1939.)



A Agrippino Grieco

Depois da grande batalha de Tsushima (1), um dos grandes generais japonezes concitava os mortos a se levantarem, de modo a sustentar as energias exauridas dos camaradas agonizantes. È eu compareço aqui, como uma sombra, para dizer ao formoso coração de Agrippino Grieco que me encontro de pé. È verdade que, depois de longa ausencia, não nos encontramos nas nossas tertúlias literárias do Rio de Janeiro. Nem nos achamos num local tão famoso como a Acropole (2),

(1) — TSUSHIMA é um arquipélago japonês, na entrada meridional do mar do Japão, entre a Coréa e o Japão. Foi nessas aguas que, em 1905, o almirante Togo infligiu irremediavel derrota á esquadra da Russia, que estava em guerra com os niponicos. Foi o resultado dessa batalha naval que decidiu do término da luta.

(2) — ACRÓPOLE, cidadela da antiga Atenas, na Grecia, situada sôbre um rochedo de 45 metros de altura, aproximadamente. Aí havia templos, monumentos, notadamente o Partenon, a Pinacoteca, etc.

onde a deusa de Athenas distribuía as suas bênçãos entre os sábios. Mas ha em nossas almas essa doce alegria de velhos irmãos que se reconhecem, pelas afinidades santificantes do Espírito.

E' certo que os seus olhos mortaes não me vêem. Todavia eu recorro ainda aos simbolos mitológicos para justificar a minha presença, nesta casa de simplicidade e de amôr cristão. Supô-nhamos que me encontro por detraz do veu de Isis, como as fôrças que se occultam aos olhos dos homens, no famoso santuário de Delfos (1).

Agora, meu amigo, as fronteiras do sepulcro nos separam. Para falar-te, sou compelido a me utilizar da faculdade de outros, como se empregasse uma nova modalidade de aparelho radiofônico. Teus olhos deslumbrados me procuram, anciosamente, porém, nem mesmo a letra me pôde identificar para o teu Espírito, habituado ás supremas investigações de nossas fôrças literarias do ambiente contemporaneo. Mas nós nos entendemos no âmago do coração, compreendendo-nos mutuamente, através das mais puras afinidades espirituais. A sombra do sepulcro não

(1) — DELFOS, antiga cidade da Grecia, então tida por sagrada e por ser o centro da Terra. Seu templo e seu oráculo tornaram-na célebre, e todos os gregos, além de príncipes estrangeiros mandavam ricas dádivas e collocavam seus bens sob a proteção de Apolo (deus mitológico, filho de Júpiter) em nome de quem o oráculo fazia suas famosas profecias.

Os tesouros allí acumulados acenderam temíveis cobiças, e por ocasião de uma guerra foram fundamente pilhados.

podia obscurecer a minha admiração, que se manifesta, agora, com uma intensidade ainda maior, sabendo que despiste a toga de Nicodemus (1), para devassar a verdade no beiral do meu tumulo.

Compreendo a elevação do teu gesto e louvo as tuas atitudes desassombradas. Um mundo de novas observações aflora-me ao pensamento para entregar ao teu coração nesta noite, de sagrada memória para a minha vida de homem desincarnado, porém, dificuldades inúmeras impedem a realização de meus modestos desejos.

Não desejo reviver o acervo de minhas velhas recordações, cheias de lágrimas muito amargas; todavia, se não represento mais a figura de Tiresias (2), dando palpites ao mundo, do seio de sombras da sua noite, desejaria trazer-te o complexo de minhas emoções novas e de meus novos conhecimentos.

(1) — NICODEMOS — fariseu, membro do tribunal supremo que decidia em última instância, no tempo de Jesus Cristo.

Tocado pelas doutrinas do meigo Nazareno, Nicodemus, para dirimir as dúvidas do seu espírito, procurou Jesus, mas á noite, meio a escondidas, temeroso do juizo dos seus pares.

Mais tarde, quando os principais sacerdotes pretenderam decidir sumariamente sôbre a prgação de Jesus, Nicodemus tomou a defesa, perguntando-lhes: Porventura julga a nossa lei a alguem, sem primeiro ouvi-lo e saber o que êle faz? (João, cap. VII, 51).

E ainda depois da crucificação, Nicodemus, juntamente com José de Arimatéia, levou cem libras de mirra e áloes para embalsamar o corpo do Cristo (João, cap. XIX, 38-40).

(2) — TIRÉSÍAS — Adivinho de Têbas, Egipto, célebre pelas profecias que fez no seu tempo. Deixou livros sôbre adivinhações e áugures, e uma filha, Manto, tambem profetisa.

Não te posso, todavia, fornecer os elementos mais essenciais de meu novo mundo impressivo porquanto a Terra tem as suas côres definidas, nos diversos setores de suas atividades e as imagens literárias não poderiam corresponder ás minhas necessidades novas.

Tambem, a mudança integral das perspectivas não me faria redizer o passado, com os seus enganos, com referencia aos centros envenenados de nossa cultura. O plano espiritual está cheio de incognitas poderosas. Aqui nós vivemos numa expressão mais forte do problema do sêr e do destino. Não aportamos do outro lado, do Acheronte, tão sómente para devassar o mistério das sombras. Chegamos no além túmulo com um dever mais profundo e mais essencial — o de conhecermos a nós mesmos, segundo o grande apelo de Alexis Carrel numa de suas ultimas experiências científicas (1). Surpresas numerosas assaltam a nossa imaginação, mas os aspectos exteriores da Vida não se modificam de modo absoluto. A incognita de nossa própria alma para o desincarnado, é talvez a mais complexa e mais profunda. Aí no mundo, costumamos entronisar a razão como se tão sómente por ela subsistissem todas as leis de progresso. Entretanto, sem a luz da fé, a nossa razão é sempre falível. Reconhecemos a

(1) — O homem, esse desconhecido (livro já traduzido em português).

propriedade desse asserto quando observamos a caminhada sinistra dos povos para a ruina e para a destruição.

Se os valores raciaes trouxessem consigo a prioridade da evolução, não teriamos tantas teorias de paz e de concórdia espesinhadas pela incultura e pela violência, pelos princípios dos mais fortes, como se os homens desta geração houvessem sorvido no berço um vinho diabólico e sinistro.

A razão do homem, em si mesma, fez o direito convencional, mas fez igualmente o canhão e o prostíbulo. E, sem a fé, sem a compreensão de sua própria alma, estranho ás suas realidades profundas, o homem caminha, ás tontas, endeusando todas as energias destruidoras da alegria e da vida.

Um espetáculo imponente apresenta a sociedade moderna, com a sua época de miséria e de deslumbramento. O homem da atualidade é um hifen desesperado entre duas éras extraordinárias. De cá, assistimos a esse esboroar do mundo velho, para que o novo organismo do orbe surja na plenitude das suas fôrças restauradoras. E eu não poderia te falar de um livro de Sainte Beuve ou de apontamentos da história nesse ou naquele setor. Falar-te-ia muito; todavia, a nossa palavra singela de humilde jornalista desincarnado teria de rodopiar, em torno de problemas demasiadamente complexos, para um ligeiro encon-

tro de amigos, dentro da noite.

Eu sei que não poderás aceitar as teses espiritistas de um jacto, como se o teu coração fosse tocado de um banho milagroso. Lutarás contigo mesmo e submeterás tudo o que os teus olhos vêem, ao cadinho de tuas análises rigorosas, mas sentir-me-ei resignado e feliz se puder alimentar a dúvida no íntimo de teu coração. A dúvida, como já o disse alguém no mundo, é o túmulo da certeza.

A hora vae adiantada e se não tenho mais o relógio do estômago que me fazia enfrentar nas avenidas a poeira impiedosa dos automoveis felizes, tenho de subordinar as minhas atividades a certas injunções de ordem espiritual, a que não posso fugir.

Não rubriques o papel de que não tenho necessidade para te falar mais demoradamente ao coração.

Guarda o meu pensamento que, se vem do mundo das sombras, parte também do mundo da minha estima fraternal e de minha admiração.

Que o teu barco seja conduzido a melhores portos no domínio da cultura espiritual, de modo a valorizares, ainda mais, os teus valores intelectivos, são os votos de um irmão das letras, que, apesar de "morto" para o mundo, faz questão de viver com a lembrança de teu pensamento e de tua afeição. — HUBERTO DE CAMPOS.

(Recebida pelo médium Francisco Candido Xavier, em 30 de Julho de 1939, na sede da União Mineira, em Belo Horizonte, Minas Gerais).

*

* *

Eis as primeiras impressões dadas á reportagem, que imediatamente pediu opinião a Agrippino Grieco:

Ao *Diário da Tarde*, de 31 de Julho:

— O "médium" Francisco Xavier escreveu isto ao meu lado, celeremente, em papel rubricado por mim. A atenção que lhe dei e a leitura que fiz em voz alta dos trabalhos por êle apresentados com as assinaturas de Augusto dos Anjos e Humberto de Campos, não importam em nenhuma espécie de adesão ao crédo espírita, como fiz questão de esclarecer naquele momento. Sempre fui movido por sentimentos de catolicidade, graças á educação recebida na infancia, mesmo sem ir a extremos de clericalismo radical. O meu livro "São Francisco de Assis e a Poesia Cristã" aí está a testemunhar quanto me merecem os grandes autores da Igreja. Mas o certo é que, como crítico literário, não pude deixar de impressionar-me com o que realmente existe do pensamento e da fórmula daqueles dois autores patricios, nos versos de um, e na prosa de outro. Se é mistificação, parece-me muito bem conduzida. Tendo lido as paródias de Albert Sorel, Paul Reboux e Charles Muller, julgo ser difícil (isso o digo com a maior lealdade) levar tão longe a técnica

do “pastiche”. De qualquer modo, o assunto exige estudos mais detalhados, a que não me posso dar agora, nesta visita um tanto apressada á formosa terra de Minas”.

Ao *Diario Mercantil*, de 5 de Agosto:

— “O assunto é complexo, requer uma série grande de coeficientes de ordem religiosa, intelectual, literaria, etc., sob a ação dos quaes deve ser analisado; mas, assim mesmo, nunca deixa de ser interessante.

Tive, já, ocasião de externar a minha maneira de encaral-o ao me entrevistar com um representante dos “Diarios Associados”, na capital do Estado, quando disse textualmente o que o “Diario Mercantil”, em serviço telefônico, divulgou em edição do dia 2 do corrente.

Assim, nada tenho mais a acrescentar senão repetir algumas palavras sôbre a profunda emoção que me assaltou ao lêr as referências da mensagem de Chico Xavier feitas a mim e atribuidas a Humberto de Campos.

Intimos, num contacto cordial e literário constante, ambos críticos, ambos homens de letras, era natural que entre mim e Humberto existisse uma amisade intensa e mútua. Agora, anos após sua morte, eis que me é dado encontrar-lhe novamente as idéias e o estilo, e da maneira extraordinária por que o foi.

Com isso, não afirmo coisa alguma. Apenas transmito minha primeira impressão, que continua a mesma. Não discuto o modo por que foi obtido o original subscrito por Humberto. Imitação? “Pastiche”? Mistificação? Não nos reportemos apenas a isso. O que não me deixou dúvidas, sob o ponto de vista literário, foi a constatação facil da linguagem inconfundivel de Humberto na página que li. Como crítico, se, sem que eu conhecesse sua procedência, m’a houvessem apresentado, te-la-ia atribuido ao autor de “Sombras que sofrem”, “Crônicas”, “Memorias”, e outras inúmeras preciosidades das nossas letras contemporaneas”.

Posteriormente, já de regresso ao Rio de Janeiro, Agrippino Grieco deu ao *Diário da Noite*, em 21 de Setembro, a seguinte entrevista:

— “Pouco tenho a acrescentar ao que os “Diários Associados” divulgaram, aliás numa reportagem brilhante e variada, sôbre o meu encontro póstumo com a literatura de Humberto de Campos.

Estava eu em Belo Horizonte e, por méro acidente, acabei indo assistir a uma sessão espírita. Ali, falaram em levar-me á estação de Pedro Leopoldo para vêr trabalhar o médium Chico Xavier. Mas, já havendo tantas complicações no plano terrestre, quiz furtar-me a outras tantas do plano astral, e lá não fui. Resultado: Chico Xavier resolveu vir a Belo Horizonte.

O CRÍTICO INSPECCIONA O "MÉDIUM"

E, prosegue:

— "Na noite marcada para o nosso encontro, fui, em vez de ir ao sítio aprazado, jantar tranquilamente num restaurante onde não costumava fazer refeições e onde não sei como conseguiram descobrir-me. Mas o caso é que me descobriram junto a um frango com ervilhas e me conduziram á agremiação onde havia profitentes e curiosos reunidos em minha intenção.

Salão repleto; uma das grandes noites do kardecismo local... Aboletei-me á mesa da ditoria, junto ao Chico, que não me deu, assim inspeccionado sumariamente, a impressão de nenhuma intelligência fóra do comum. Um mestiço magro, meão de altura, com os cabelos bastante crespos e uma ligeira mancha esbranquiçada num dos olhos.

ESCREVEU COM UMA CELERIDADE

ESPANTOSA !

A seguir, o sr. Grieco descreve, sem esconder a grande impressão que o domina ainda, o fenómeno que presenciou:

Nisto, o orientador dos trabalhos pediu-me que rubricasse vinte folhas de papel, destinadas á escrita do médium; tratava-se de afastar qualquer suspeita de substituição de texto. Rubri-

quei-as e Chico Xavier, com uma celeridade vertiginosa, deixando correr o lapis com uma agilidade que não teria o mais desenvolvido dos rasistas de cartório, foi enchendo tudo aquilo. A' proporção que uma folha se completava, sempre em grafia bem legível, ia eu verificando o que ali fixára o lapis do Chico.

Primeiro, um soneto atribuido a Augusto dos Anjos. A seguir, percebi que estavam em jogo, bem patentes, a linguagem e o meneio de idéias peculiares a Humberto de Campos. Dirão tratar-se de um "á la maniere de", como os de Paul Reboux e Charles Muller.

FIQUEI ATURDIDO !

Por fim, apreciando o texto das communicações, diz, concluindo:

— Será uma interpretação digna de respeito. Quanto a mim, não podendo aceitar sem maior exame a certeza de um "pastiche", de uma parodia tive, como crítico literário que ha trinta anos estuda a mecânica dos estilos, a sensação instantanea de percorrer um manuscrito inédito retirado do espólio do memorialista glorioso.

Eram em tudo os processos de Humberto de Campos, a sua amenidade, a sua vontade de parecer austero, o seu tom entre ligeiro e conselheiral. Allusões á Grécia e ao Egipto, á Acropole, a Tirsias, ao véu de Isis muito ao agrado do

autor dos "Carvalhos e Roseiras". Uma referência a Sainte-Beuve, crítico predileto de nós ambos, mestre de gosto e clareza que Humberto não se cansava de exaltar em suas palestras, que não me canso de exaltar em minhas palestras. Conjunto bem articulado. Uma crônica, em suma, que, dada a lêr a qualquer leitor de mediana instrução, logo lhe arrancaria este comentário: "É Humberto puro!".

Fiquei naturalmente aturdido... Depois disso, já muitos dias decorreram e não sei como elucidar o caso. Fenômeno nervoso? Intervenção extra-humana? Faltam-me estudos especializados para concluir. Além do mais, recebi educação católica e sou um entusiasta dos gênios e heróis que tanto prestígio asseguram à religião que produziu um Santo Antonio de Pádua e um Bossuet. Meu livro "São Francisco de Assis e a Poesia Cristã" aí se encontra, a testemunhar quanto venero a ética e a estética da Igreja. Mas — repito-o com a maior lealdade — a mensagem subscrita por Humberto de Campos profundamente me impressionou...".



Carta de Gastão Penalva

Para que melhor se possa compreender a mensagem seguinte, transcrevemos, pedindo vênica, a brilhante página literária publicada em 4 de Outubro de 1939, no prestigioso diário *Jornal do Brasil*, pelo festejado escritor que se pseudonimou — Gastão Penalva:

A Humberto de Campos — (Onde estiver)

Meu irmão.

Passei todo o domingo a reler tua obra de afeto e de melancolia, enquanto o rádio, posto a falar baixinho, anunciava os últimos telegramas da guerra.

Então, verifiquei como tua alma sofreria se ainda estivesse cá por baixo, no nosso convívio amigo, e a tua imensa sensibilidade se havia de ferir nos afiados gumes das surpresas diárias, quando, ás primeiras horas da manhã, já se depara o grande mundo sofredor ás voltas com os

seus novos sofrimentos.

Sou, como tu, um torturado espírito que teve a infelicidade de nascer no tempo cruel dos desentendimentos e das ambições fratricidas. Vi, com olhos infantis, uma mudança de regime, ao passo que na minha casa os mais idosos comentavam com lágrimas a desapareição do culto magnânimo em que poderiam ter esperado morrer. Ouvi, de ouvidos que se fizeram para os enlevos balsâmicos da poesia e da musica, o estrondo ameaçador das granadas de 93, naquela jornada de ódios e rivalidades que, tanto tempo, separou duas classes. Então, fugimos da cidade para as caladas bucólicas do Andaraí. Corremos para a nossa chácara, onde, menino, tracei e exêcutei todo um programa de estrepolias terríveis, as falcatruas dos meus oito anos, acolitadas pelo moleque inseparavel, o "demônio familiar" do avisado Macedo. De lá, entre as mangueiras acolhedoras do arredado bairro, na pista dos coleiros que vinham buscar o alimento nas armadilhas mascaradas, em troca da própria vida, de lá, ainda escutava o ribombo longinquo que denunciava a entrada á barra do famoso "Aquidaban", o qual, alguns anos depois, na vida da Marinha, seria o meu primeiro embarque. Na passagem do século, quando esboçavas aquela página tristissima das tuas desoladas memorias, criança ainda, no fundo de um armazem provinciano, a marcar fardos de toucinho, eu entrei para o Colégio Militar, animado, feliz, sob

os carinhos de todos, e tu, lá longe, no teu Maranhão illustre, já na luta da vida em que mais tarde te farias um pobre heróe vencido.

IV Em seguida, outras tragédias. Outras revoluções. 1904 traz, quasi ao fechar as portas, o tumulto político que se valeu na imposição da vacina obrigatória. Eu, aspirante de Marinha, fazia, nos alcantis de S. Bento, uma zelosa guarda de frades que me valeu uma semana de tratamento fidalgo. Vi com magua o final da masshorca, ao largar para sempre a penedia conventual que fôra, em éras da Colônia, o primeiro abrigo da minha escola e da minha classe. 1910, no mesmo mês fatídico que os fados escolhiam para mandar revoltas ao Brasil, a Armada se rebelou, põe manchas negras no sol da profissão nobilissima, que decai, se acabrunha, definha, até que auras galernas vêm de novo apoiar as gavesas de retorno.

1914 traz para o mundo a guerra maxima, cujos écos de dôr e maldição só desaparecem ao despontar no proscênio de um panorama mais desolador de rancores desabridos e assaltos clamorosos ao direito dos povos.

Folheio então páginas hediondas. Constato cênas que escaparam ás outras guerras da história. Surpreendo horrores que jámais vieram á mente dos Attilas antigos, com venenos nos olhos e maldições nas patas dos cavalos.

Já ouviste falar, meu Humberto, ao tempo

em que vivias mortalmente, em guerras sem declaração, invasões sem anúncio, conquistas sem ideal? Nunca. Tiveste notícia de mães desventuradas a cobrir com o próprio corpo os corpinhos dos filhos, enquanto ruge acima o passaro da desgraça? Nunca. Sabias que se formavam legiões de homens e mulheres, os falhados, os párias, os descritos da vida, sob o rótulo de suicidas de guerra, eleitos para as missões que encerram fatalmente a morte? Já viste coisa mais apavorante, Humberto? Figura, por um momento, esse desfile incrível de sonambulos humanos, com o coração já sem rumo, e o olhar perdido na salvação de além-túmulo... Credo! Quanta miséria escapou ao Dante para incluir nos seus ciclos eternos!

Pois é o que ainda vemos cá na terra. O que a minha geração, que foi tua, ainda assiste com a alma aflita, imersa em negro dó.

Neste ponto, continuo a revêr na tua obra os conceitos e as imagens em que profligas o próprio homem na sua róta maldita que vai dar num caminho de trevas. Ha um capítulo magistral que intitulas "O rei da criação". Um Gênio, farto do Espaço, decide habitar a Terra. Baixa á extensa planície e logo avista um camponês a puxar um burro pelo cabresto. Trava-se aquela conversação que pontilhas de filosofia e amargura.

O Gênio: — Qual foi, de vós, neste planeta, que inventou a guerra?

O burro: (indicando o homem com o focinho): — Foi êle, senhor".

È após uma lição superior em que realçam as virtudes do animal:

"*O Gênio*: — Qual, por ter vida honrada e pura, é o Rei da Creação, e se considera, na terra, a imagem de Deus? (Para o burro) È's tu, não é verdade?

O burro: — Não; é êle, senhor".

Ha uma lenda árabe em que Deus, arquitetando milagres, encontra o Diabo arquitetando maldades, e lhe pergunta, abismado:

— Anjo máo, que fizeste das minas de ouro que acabei de colocar aqui, bem batidas da luz do sol?

— Escondia-as nas entranhas da terra, Senhor. Se o homem as descobrisse, com certeza as transformaria em armas.

Aí está, meu amigo, o que eu te queria contar. Agora, vou continuar a relêr os brevíários de amôr e desventura que deixaste entre nós.

Desculpa perturbar-te o sono. È até logo.

GASTÃO PENALVA.



Carta a Gastão Penalva

“Gastão Penalva, o brilhante ourives do pensamento no imenso filão de ouro inculco das nossas letras, acenou-me da sua tenda de trabalho, enviando-me, pelas colunas do *Jornal do Brasil*, de 4 deste mês, uma carta carinhosa e comovedora, em cujas linhas tristes deixa transparecer o seu desalento, em face dos espetáculos dolorosos de ruína e de sangue, que ressurgem no mundo.

“A Humberto de Campos, onde estiver”.

A epígrafe e o endereço de sua missiva afetuosa tocaram-me as fibras mais sensíveis do coração, por demonstrarem a sua certeza na minha sobrevivência.

.....

Sim, meu irmão, eu recebi a tua palavra dolorida e cariciosa, evocando os dias escuros da Terra, sentindo nos olhos redivivos o rocio das lágrimas bemfeitoras.

A tua lembrança é uma ave de melancolia, trazendo-me ao coração a suave mensagem de um afeto que não se confundiu nas esperanças mortas.

De todos os apelos por mim recebidos do mundo, após a travessia das aguas enigmáticas do rio da morte, o teu foi talvez o mais profundo e o mais agradável á minh'alma. Não me procuraste, obedecendo ao convencionalismo social, junto á lapide singela que me guarda os despojos junto aos túmulos suntuosos de São João Batista, onde se recolhem os ossos da aristocracia de ouro da cidade maravilhosa; não me buscaste como os Tomés da fenomenologia espiritista, perguntando o numero exato dos soldados comandados por Anibal (1); na segunda guerra púnica, na falsa suposição de que a morte representa para nós outros um banho prodigioso de sabedoria e nem me pediste o milagre da felicidade sôbre a face da Terra.

Caminhando comigo nas avenidas do pensamento, através das humildes edificações dos meus

(1) ANIBAL — um dos maiores generais cartagineses (247 antes da era cristã), inimigo dos Romanos — que muito combateu e afinal dominou.

São chamadas púnicas as treis guerras havidas entre cartagineses e Romanos, nome que era o da lingua (púnica) falada por aqueles.

Anibal, depois de coberto de glórias e homenagens em sua Pátria, teve alternativas, e chegou, por traições, a correr risco de ser entregue a inimigos.

Para evitar que tal succedesse, envenenou-se, já sexagenário.

livros, procuraste a minh'alma nas mais afetuosas recordações.

Marinheiro valoroso do oceano das idéias, contempleste o céu, pesado de nuvens tempestuosas, lembrando o companheiro que desapareceu no dorso da onda traiçoeira, no misterioso silêncio da noite, para ressurgir na alvorada de uma vida melhor.

E, agradecendo a dádiva de Jesus que me permitiu acudir á tua recordação amiga, estive espiritualmente contigo, antes que molhasses a pena no coração amargurado para me endereçar a tua carta carinhosa. Ouvindo as tuas considerações íntimas, quando manuseiavas a bíblia de angústia da minha vida, desejei intensamente imitar o gesto famoso de Ulysses, no palacio de Alcino, quando o canto de Demódoco (1) fe-lo chorar com a descrição de seus sofrimentos, repassada de louvores ao heroismo dos companheiros mortos.

Presenceando os movimentos homicidas, que se desenrolam na Europa, sentes o frio mortal de todos os corações bem formados que observam, estarrecidos, o crepúsculo desta civilização que se despenha nos desfiladeiros dos milênios, como mais um fruto apodrecido.

(1) — ALCINO — rei dos Teacianos, povo fabuloso mencionado da *Odisséa*, de Homero, o velho poeta grego.

No palacio dêsse rei foi que Ulisses, o rei legendario, teve acolhida, quando regressou de Troia.

A *Odisséa*, que tem em Ulisses a sua figura central, é rica em detalhes sôbre o caso alludido.

Por toda parte é morticínio e destruição. A força faz sentir o peso terrível de seus postulados de violência numa de suas mais singulares alternativas na história do direito.

A cultura intelectual experimenta o insulto de todas as energias das sendas tenebrosas.

Dizia Renan que o "o cerebro queimado pelo raciocínio tem sede de simplicidade, como o deserto tem sede de agua pura". E nós observamos que a ciência do mundo, nas suas explosões de inconsciência, se reduz, agora, a um punhado de escombros.

O antigo continente, fonte desta civilização que se perde, á mingua da agua pura da fé no deserto das ambições desmedidas, dá a idéia de um novo inferno, onde o Diabo dêse a beber aos espíritos o vinho sinistro da ruina e da morte.

Meditando nas bôcas de fôgo, assestadas para as mulheres e criancinhas indefesas, perguntas-me se cheguei a ouvir falar "ao tempo em que vivia mortalmente, em guerras sem declaração, invasões sem anúncio, conquistas sem ideal", no desdobramento das ações malignas, levadas a efeito pela nossa geração, condenada no berço pela suas inquietações desesperadas.

Sim, meu amigo, a morte não me ocultou a porta da analyse relativamente aos nossos panoramas tristes e sombrios.

O repouso absoluto no túmulo é a mais enganosa de todas as imagens que o homem inventou para a sua imaginação atormentada.

Atravessada a fronteira de cinzas do sepulcro, sentimo-nos dentro do santuário das mais profundas revelações.

A luz suave e tranquila da verdade confunde-nos todos os enganos.

Aí na Terra, prevalecem as convenções sociais, os imperativos de ordem econômica e a claridade falsa do artificialismo das gloriolas mundanas. Aqui, porém, é a revelação da espiritualidade pura.

O mundo esqueceu a fonte preciosa da fé, submergindo-se no abismo dos raciocínios mais sombrios.

A atualidade é um campo de batalha, onde se glorificam todos os simbolos da força bruta e onde todas as florações do sentimento estão condenadas ao extermínio.

Contrariamente ás tuas suposições, vemos, igualmente, os quadros angustiosos e sinistros.

Sentimos as preces aflitas dos corações maternos, dilacerados nas suas mais cariciosas esperanças. Contemplamos essa juventude envenenada, que caminha para a morte, glorificando a imagem infeliz de D'Anunzio, quando preconizava para os moços da época a ponta da baioneta, como o primeiro e ultimo amôr.

Mais que isso, podemos observar, de perto, as agonias silenciosas dos lares abandonados e desprotegidos, que balançam na árvore da vida, arrancados pelas mãos impiedosas dos novos bárbaros que ameaçam as bases cristãs, de que a nossa

civilização fugiu, um dia, levada pelo egoísmo dos mais fortes.

Ante as sombras dolorosas que invadem o mundo velho, sinto contigo o frio do crepúsculo, preludiando a noite de tempestade, cheia de amarguras e de assombros.

Dentro, porém, de nossa angústia, somos obrigados a recordar que a nossa geração de perversidade e descrença está condenada, por si mesma, aos mais dolorosos movimentos de destruição.

O mundo cogitou de ciência, mas esqueceu a consciência, ilustrou o cérebro e olvidou o coração, organizou tratados de teologia e de política, fazendo taboa raza de todos os valores da sinceridade e da confiança.

E' por isso que vemos o pólvora da guerra envolver os corações desesperados, em seus tentáculos monstruosos, enquanto ha gigantes da nova barbaria, preferindo discursos bélicos, em nome de Deus, e sacerdotes abençoando, em nome do Céu, as armas da carnificina.

Os sociólogos mais atilados não conseguem estabelecer a extensão dos fenômenos dolorosos que invadem os departamentos do mundo.

A embriaguez de ruina mobiliza os furacões destruidores das novas tiranias sôbre a frente dos homens, e nós acompanharemos a torrente das dôres com as nossas lágrimas, porque fizemos jús a essas agonias amarguradas e sinistras, em virtu-

de do nosso esquecimento da lei do amôr, no passado espiritual.

A hora que passa é um rosario de soluços apocalípticos, porque merecemos as mais tristes provações coletivas, dentro das nossas características de espíritos ingratos, pois as angustias humanas não ocorrem á revelia d'Aquele que acendeu a luz da mangedoura e do calvário, clarificando os séculos terrestres.

Das culminâncias espirituais, Jesus contempla o seu rebanho de ovelhas tresmalhadas e segue o curso dos acontecimentos dos mundos, com a mesma divina melancolia que assinalou a sua passagem sôbre as urzes da Terra.

Enevoados de lágrimas sublimes, seus olhos contemplam os canhões e os prostibulos da guerra, os gabinetes de despotismo e da ambição, os hospitais de sangue, no centro dos cadáveres inseultos e, observando a extensão de nossas misérias, exclama como Jeremias: — "Oh! Jerusalem!... Jerusalem!..."

E nós, operários obscuros do plano espiritual, buscamos disseminar a nova consolação, junto aos que sucumbem ou fraquejam.

O Evangelho é a nossa bússola, e não nos detemos para a lamentação, porque, hoje, meu amigo, eu sei orar, de novo, juntando as mãos em rogativa, como no tempo da infancia em Parnaíba, quando a simplicidade infantil me enfeitava o coração.

Aqui, oramos, trabalhamos e esperamos, porque sabemos que Jesus é o fundamento eterno da Verdade e que um dia, como Príncipe da Paz, instalará sobre a Terra dos lobos o redil de suas ovelhas abençoadas, e mansas.

Nessa éra nova, vel-O-emos outra vez, nos seus ensinamentos redivivos, espalhando a esperança e a fé, confundindo quantos mentiram á Humanidade em seu nome.

Antes, porém, que o novo sol resplenda nos horizontes do orbe, seremos reunidos no plano espiritual para sentir as vibrações suaves do seu amor infinito.

Nesse dia, meu irmão, certamente o Senhor fará descer as suas bênçãos compassivas sobre o teu coração generoso e fraterno. Mensageiros de piedade e de luz hão de esperar teu espírito carinhoso, no limiar do sepulcro e, contemplando a claridade imortal da vida verdadeira, ouvirás uma voz, terna e carinhosa, que murmurará aos teus ouvidos:

— “Gastão Penalva, sê bemvindo ao reino da paz, tu que choraste com as viúvas e com os órfãos, sonhando a concordia no caminho dos homens!... Retempera as tuas energias, porque o trabalho não findou na estrada interminável da Vida. Sob as bênçãos de Deus, lutarás pela nova redenção, ao longo do Infinito!... Poderás reno-

var as tuas aspirações, dilatando os teus esforços, porque o salário do bom trabalhador está reservado nos céus aos operários sinceros e devotados de todas as crenças que iluminam a noite dos corações atormentados do planeta terrestre!...”.

Então, meu amigo, o orvalho brando das lágrimas lavarás todas as recordações penosas dos dias de incompreensão e de amargura que viveste no mundo, e uma nova luz balsamizará o teu íntimo, onde florescerão os lírios perfumados do amor e da divina esperança. — *Humberto de Campos*.

(Recebida pelo médium Francisco Candido Xavier, em 6 de Outubro de 1939).



Comentarios sobre

As antiteses da personalidade de Humberto de Campos

(por Almerindo Martins de Castro)

A observação dos acontecimentos da vida quotidiana, em todos os setores da atividade social, feita sem o exclusivismo dos prévios pontos de vista de qualquer doutrina, convida o espírito humano a arrojados paralelos entre as cousas grosseiramente materiais e aquelas que dizem com a Alma, jungidas embora ás pesadas contingencias da existência terreal.

Da fecunda treva do subsólo se extrae, inerte e frio, o carvão mineral; mas, basta que entre em combustão, para transformar-se em calor e luz, energias alimenticias das fornalhas que movem os dínamos das usinas elétricas, ou acionam as turbinas dos gigantescos transatlanticos.

É a deslumbrada inteligência humana, contemplando êsse corriqueiro fenômeno da vida de cada dia, permanece ignorante dos processos recônditos que estratificam claridade, calor, fôrça, na negrura álgida e imóvel de um lençol de carvão incrustado nas entranhas da Terra.

Assim também, nos subterrâneos do sêr existe a riqueza espiritual de uma Alma que permanece inerte e fria, antes de trazida á plenitude de sua expansão, na entrosagem da vida, tornando-se capaz de derramar claridades e energias no ambiente social — de que é partícula integrante.

O mundo é uma ciclópica oficina de labores diversísimos, onde cada indivíduo tem a sua parcela de trabalho, de acordo com os conhecimentos e aptidões morais adquiridos, trazendo, por isso, para cada tarefa, o cabedal aprimorado em uma ou em muitas existências.

As hierarquias, que tanto impressionam os incientes das leis espirituais, não influem para desempenho dos encargos individuais assumidos pelo Espírito á face do seu Destino pré-traçado.

Não ha muito, quando, por entre retumbâncias telegráficas, era anunciado ao orbe que o ilustre Guilherme Marconi realisára o milagre de iluminar á distancia determinado local provido de lâmpadas elétricas, ocorria aqui, no Brasil, idêntico prodígio — levado a efeito por um despretençioso cidadão, tão patriota quanto Marconi, porém despido de auréolas, e sem os exaustivos estudos

que por mais de meio século fez o cientista italiano.

O Gênio se esconde muitas vezes, pelas contingentes necessidades da reincarnação do Espírito, em ambientes e criaturas sem qualquer vestígio de valor intelectual, ou carecedores de todos os elementos assecuratorios do exito na vida social.

Nenhum melhor exemplo de tal evidência do que o oferecido pelos talentos literários.

Muitas dessa glórias nasceram anônimas, desconhecidas viveram, até que explodiram em vulcões de luz e beleza.

Todos os indícios da vida de Humberto de Campos mostram que êle foi a reincarnação de um notavel cultor das letras clássicas. O contraste entre o intelecto pigmeu da infância e o talento gigante da idade adulta é bem eloquente.

Buscando Humberto de Campos desde a primeira meninice, não se lhe assinala, na vida trabalhosa e árida de órfão pobre, nenhum ensejo de haurir e acumular conhecimentos que o elevassem acima do nivel normal dos escritores e, por isso, lhe servisse de credencial para ingressar no ról dos consagrados da literatura ou do jornalismo nacionais.

Mas, germinando espontaneamente, dos recônditos onde dormitava a preciosa hulha de formação remota, o seu Espírito, a tempo, emergiu no homem o que o menino humilde e paupérrimo não tivera oportunidade de exteriorisar.

Lendo-se o comentário e a crítica nos seus

escritos, percebe-se, sem esforço, uma erudição que revela fundas raízes no critério filosófico dos antigos, alicerçado na observação exata dos homens e das cousas.

Referindo-se a determinado indivíduo ou a qualquer trabalho ou acontecimento que lhe merecesse atenção e comentário, Humberto de Campos traçava conceitos acima do comum, espelhando o amadurecimento do espírito de crítica e a segura visão de quem muito vivêra, muito observara e muito conhecia, — tudo contrastando com a escassa instrução humanística que se lhe atribuiria com justiça.

Ainda assim, contemporâneo de uma época de dinamismo febril, quando a multiplicidade dos assuntos e as contingências da luta pela subsistência não permitia ao indivíduo aprofundar o estudo, o critério, a classificação perfeita dos eventos quotidianos, fez o milagre de conservar-se notável dentro do mediocrismo atabalhado dos que necessitam pensar e escrever enquanto o estomago faz a digestão de magras refeições.

Aliás, a história de todos os povos antigos e modernos está repleta de exemplos, a confirmar que muitos dos gênios das letras e das artes despontam de criaturas de infância humilde, e, não raro, de vocação desconhecida e contrariada.

Humberto de Campos, órfão ao primeiro lustro de idade, teve a criação rústica, rebelde, defeituosíssima, tão comum nos nascidos em vilarejos

do interior brasileiro, atrofiado pelos máus exemplos, pela linguagem viciada e baixa, grosseira e suja, pelos conselhos malsãos, pela agressividade das atitudes dos valentões da faca á cinta; aprendiz de alfaiate, e depois de tipógrafo, e afinal empregado sem categoria no comércio vilão; aluno primário de escolas onde aprendeu rudimentos; tais os valores negativos que recebeu para entrar na vida — que devia seguir — dentro do seu Destino de gloria dolorosa e cheia de penúrias.

Tudo a confirmar que o Espírito orgulhoso, autoritario, flagelador, ancho do seu saber, — quando volta a resgatar o passado de culpas, não podendo apagar o cabedal de conhecimentos adquiridos, imerge na obscuridade de uma família ou de um ambiente, onde os impulsos inatos sejam castigados rudemente, onde tenha oportunidade de abater o orgulho, onde a instrução lhe seja penosa de adquirir, — até vencer o estágio de provação, e, então, bem empregar os cabedais que foram instrumento de amarguras em outras existências.

Benevenuto Celini, que deveria incorporar-se á galeria dos maiores artistas da ourivesaria, começou a ganhar o sustento tocando trompa, ao lado do progenitor, em um bando de músicos; Antonio Cànovas, o grande escultor, pauperrissimo, obteve a proteção do opulento João Faliero por haver modelado um leão em manteiga, na cosinha do palacio dêsse senador Romano, isso para tirar de apuros o cosinheiro a quem o senhor exigira

um prato que, pela sua absoluta originalidade, deslumbrasse os convivas — mostrando-lhes a excelencia da cosinha do anfitrião.

Martinho Lutéro, eminente entre os maiores homens do seu século, era filho de um rude operário mineiro, e muitas vezes comeu pão de esmola, a cantar nas ruas com outros condiscipulos pobresinhos, para poder frequentar as aulas onde estudava — distante e sem auxilio dos pais.

Mas, mesmo sem necessidade de recuar a tempos mais ou menos remotos, podemos encontrar semelhantes casos em artistas que se celebrizaram em dias contemporâneos e com a contribuição dos nossos sinceros e calorosos aplausos.

Tita Rufo, que teve o cétro de maior e mais célebre dos barítonos hodiernos, foi despedido do Conservatório Santa Cecilia, de Roma, depois de vinte quatro meses de estudo, porque, no entender dos seus professores, não possuia suficiêcia vocal para cantar óperas.

Enrico Caruso, o tenor que mais se elevou social e artisticamente em nossos tempos, era paupérrimo de origem e trabalhou feito aprendiz de mecânico — antes que sua voz, exibida nas igrejas aldeãs, lhe abrisse as portas da carreira em que tanto fulgiu. Outros illustres só o foram depois de algo avançados em idade, caso que La Fontaine documenta eloquentemente.

Oliverio Goldsmith muito lutou e muito sofreu, nas mais variadas profissões, antes que con-

quistasse a gloria literária.

Entre as eminências da política mesmo, basta lembrar o cardeal Julio Mazarini (Mazarin, depois de naturalisado francês) que, antes de elevar-se aos justos lauréis de estadista, foi um dos mais impenitentes jogadores do seu tempo, tendo desido a empenhar peças de roupa — no intuito de conseguir dinheiro para jogar.

Mas, o essencial a salientar em todos êsses casos de predestinação num determinado rumo de actividade, é o traço indicador de uma fôrça propulsora, incognita, que leva, afinal, a creatura ao verdadeiro setor da ação que deve exercer.

As idéias inatas, a propensão para determinados rumos na existência, os cabedais surgidos inopinadamente, sem que correspondam á aparente modestia dos recursos intellectuais do indivíduo, tudo indica que o sêr humano tem no Espirito um grande reservatório de conhecimentos e experiências de outras vidas, dos quais se serve para completar o seu estágio evolutivo — quando reincarna de novo no orbe terraqueo.

As figuras dos Humberto de Campos deixam sempre perceber o sulco luminoso aberto pelo seu reservatório de recursos espirituais; mas, o preconceito que reveste as cousas da Alma com as amiantadas vestimentas da intolerancia religiosa, não permite que os contemporâneos lhes possam medir a grandeza da missão que desempenham no seu tempo e na sua especialidade de trabalho.

Si melhor observada a condição do Espírito que reincarna, porque precisado de novos estágios de ascése, facil se tornaria compreender a razão de certas falencias, principalmente daqueles que se afundam no paúl dos vícios anemisantes ou destruidores da saude e do próprio corpo, — tudo ligado ás condições de existencias anteriores, élos muitas vezes formidaveis — que a creatura necessita quebrar, empregando desesperados e herculeos esforços.

Os grandes talentos que se deixam estiolar nos desperdicios da embriaguez, evadidos do bom-senso, nômadés da moral, são, em regra, Espíritos insufficientemente preparados para lutar contra tendencias ligadas á anterior incarnação, e contra a influencia, os arrastamentos dos Espíritos errantes que vivem em busca de mediuns (instrumentos) para realisação de seus desejos ou paixões.

Daí o espetáculo contristador que oferecem certas privilegiadas inteligências, meio afogadas no eclipse dos entorpecentes, patenteando — nos intervalos de lucidez — quando a influencia perturbadora se afasta, os prodigios de uma arte que as immortalisa pelo decurso dos séculos sucessivos.

Quantas obras-primas de talento teriam legado as cerebrações gêmeas de Alvares de Azevedo, sem a transbordante boemia que as conduziu á tuberculose ou á cirrose do figado?

Poder-se-á medir o fulgor que teria tido

para as letras brasileiras a época sem rival em que medrassem — sem desregramentos de alegrias displicentes — os talentos de Paula Nei, no curso de medicina; Guimarães Passos, na poesia; José do Patrocínio, no jornalismo; Lima Barreto no romance?

E' o exemplo típico dêsse tão apontado Edgar Poë, que bebia por impulso, e depois passava longos intervalos sem ingerir qualquer porção de alcool, para voltar, a cada novo assédio do seu obsessivo, ao mesmo exagero de deglutir mecanicamente a dosagem determinada pelo apetite do momento.

Guilherme Amadeu Hofman, sob influencias mais sibaritas, emborrachava-se de vinhos superiores, e sentia — embora inciente do fenómeno, a ação de algo que o atormentava, que lhe pesava no cérebro, na Alma, de modo a deixar-lhe a sensação de alivio — quando se retirava. A' falta de expressões que caracterisassem o aspecto mediunico da perturbação, Hofman, a cada conto que escrevia, acreditava sentir alivio correspondente a uma "purga intelectual", uma espécie de sangria que lhe desimpedisse o cérebro.

Mas, também inteligências equilibradas dentro da cultura e das eminencias científicas sofrem os influxos poderosos dos Espíritos do Além, de modo a testificar o inevitavel e permanente intercambio de sentimentos e de idéias entre os seres que se atraem ou se repelem, coerentes com as leis

das afinidades, ligadas a outras da interpenetração da vida universal.

Jerônimo Cardan, um dos maiores matemáticos do seu século, médico, filósofo, e astrólogo, foi um exemplo vivo de mediunidade polimórfa.

Escrevendo sobre física, astronomia, química, moral, história; viajando uma parte da Europa, a tirar horóscopos; empenhando-se em polemicas transcendentais para aqueles tempos, deixou espelhado em todo êsse percurso o traço das incoerências a que era arrastado, segundo as influências perturbadoras que vinham estender sombras sôbre as luminosidades recebidas de outras fontes mais elevadas.

Tendo vulgarizado processos algebricos que chegaram até nosso tempo (inclusive a chamada fórmula de Cardan, para resolução de equações cúbicas), deixou também o registro de cousas que foram classificadas de infantis.

Outras figuras de relevo na história política, literaria ou artistica deixaram também testemunho e lembrança de dons mediunicos, isto é, de influências estranhas, dessas que a Medicina classifica de nevroses alucinatórias.

Oliverio Cromwel, o que destronou Carlos I e introduziu a República entre os ingleses, era medium vidente e audiente, a quem Espíritos materializados falavam, sendo que um, de gigantesca aparência, lhe predisse seria êle grande figura na Inglaterra.

Videntes foram João Batista van Helmont, o célebre e erudito médico belga (que via até o seu próprio duplo); Biron, que dizia ser visitado repetidas vezes por um espectro; Mozart, que, nos últimos tempos de sua existência, teve a visão de um fantasma que lhe falava da morte proxima e o obrigava a escrever o *Requiem* a ser executado nos funerais dêle próprio, Mozart; Dostoiewski, um indiscutível expoente da literatura slava; Alfredo Musset e muitos outros, largamente estudados nos livros dos especialistas da psiquiatria.

Influências bizarras, dêsse teor, sofreram vários vultos de saliente relevo, da estirpe de Voltaire, Molière, Montesquieu, Malherbe, Chateaubriand.

Napoleão I desesperava-se quando lhe acontecia quebrar um espelho; tinha pavor da sexta-feira e do número treze, e considerava fatídica a letra M. Sabe-se que acreditava na cartomancia, e não desdenhava ouvir a sua pitonisa, Lenormant.

Emilio Zola receiava ser mal sucedido sempre que, ao sair para tratar de alguma cousa, não pisava fóra da porta com o pé esquerdo; Eça de Queiroz tinha o cuidado de entrar nos prédios com o pé direito, e, quando lhe acontecia distrair-se, voltava á rua, reencetava a marcha, para pisar no portal, em primeiro, o pé direito.

Newton, Tasso, Vitor Hugo, Donizeti, Walter Scot, toda uma legião de homens ilustres figura no catálogo dos loucos, maniacos, excêntricos,

alucinados, apresentando exterioridades que os estudos médicos tomaram para seu domínio.

No entanto, foram apenas mediuns, dessa imensa classe de desconhecidos, cujos admiráveis trabalhos todos aplaudem, mas sem lhes admitir o intercambio com o mundo dos Espíritos imortais, dêsses de quem Augusto Comte (tambem dos maiores obsedados de gênio) disse, com inspiração interior: "Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos".

Assinale-se que o Positivismo teve a sua influência na orientação de Humberto de Campos, na época em que leu os mestres do ateísmo, embora sem apreender toda a amplitude filosófica — acima das possibilidades de compreensão dos rudimentar conhecimento científico.

E, nessa milenária falange, que tem trazido ás civilizações terrenas as luzes do seu incompreendido gênio, outros Espíritos existem, sem estigmas visíveis de mediunidade espetacular, mas, ainda assim, cumprindo brilhante e fielmente os ditâmes da lei que impõe ás consciências o resgate, por sofrimento idêntico, dos males causados em vidas anteriores.

Preparados espiritualmente para a provação de resgate escolhida, êsses lutadores oferecem ao mundo dos contemporâneos o edificante exemplo de uma vida de trabalho, lutas e sofrimento, sempre uniforme na perseverança de enfrentar os óbices e realizar a tarefa.

Sob a pressão moral das desilusões e das dificuldades, gemendo embora sob o guante dos padecimentos, êsses heróis anônimos da gloria sofredora marcham sem recuos por entre as pesadas vagas de revôltos vendavais, bem á semelhança das invictas quilhas que cortam as encapeladas superfícies dos mares mais bravios.

Sol que a neblina esconde sob um manto de espessas nuvens, mas, ainda assim, fóco de luz a irradiar claridades; Espírito constricto na mortalha tumular da Carne, mas, embora preso, a entoar os seus cantos de amor á liberdade.

Assim, Humberto de Campos, na singeleza de uma existência que foi de martírios e grandezas espirituais, ao termo da qual se póde constatar que o pedestal de glória que o sagrou — não foi feito de mármore mundanos, mas de lágrimas cristalizadas no recôndito do seu coração angustiado, desde quando, órfão de pai, teve a infancia obscura pontilhada de todas as despercebidas humilhações que a pobreza desfolha em pétalas de sarcasmo sôbre a fronte dos desherdados da fortuna.

A sua resignação espontânea ante a fome e o frio não aquietava as fúrias do Destino, que o aguilhoava, num teimoso desafio á alma da criança — ainda incapaz de raciocinar sôbre o porquê das desigualdades e injustiças sociais.

Só a ação misteriosa e recôndita do Espírito,

forte no rumo futuro, poderá explicar a resistência a tantas amarguras.

E' nesse drama silencioso, nesse abandono ao sofrimento, que se deve estudar a foz da verdade das reencarnações dos Espíritos, que vêm resgatar passados de agudas culpas.

Nascido em uma família dividida por malquerenças irremediáveis, coube-lhe o ramo dos pobres, que os do outro não ajudava.

Assim, teve margem para sofrer todas as provações duras e humilhantes, necessárias ao abatimento do orgulho, opulência e vaidade de vidas anteriores, quando possivelmente infligiu a outros as mesmas agruras que veio, em resgate, sofrer, por sua vez.

No íntimo, jazia a Alma corajosa de um grande homem, em novo embrião, mas, na sua infância terrivelmente travêssa, podia ter êle resvalado para dentro do lodaçal dos vícios e dos crimes, em cujos beirais molhou a pontinha dos pés, na sua inexperiência garota e mal vigiada.

Talvez houvesse vivido, inteligência de escól, com o enfatuado sibaritismo dos Médicis ou dos Farnésios, nos fulgores finais da Renascença, dardejando, do alto da sua cultura profunda e sarcástica, as setas aceradas de sátiras ferozes, e castigando sem emoção todos os revoltados das suas cruezas.

Por isso, quiçá, quando de novo afundou no esquecimento carnal de uma nova existência ter-

rena (o Espírito vigilante no cumprimento da prova escolhida — dentro da lei de resgate — dente por dente, olho por olho), foi quasi insensível ás privações, e a sua inteligência não revelou a inata e vigorosa pujança que o Humberto de Campos — homem — mostraria, numa quasi antítese do que fôra na meninice.

Até mesmo no físico, talvez para impossibilitá-lo de reincidir em males que a beleza plástica facilita, êle trouxe um estigma curioso e inexplicavel pelas desacreditadas teorias de hereditariedade.

Moreno, cabelo duro, de uma feiura que chamava atenção, grande boca com os dentes um tanto abrutilhados, o próprio Humberto de Campos estranhava e não definia êsse capricho da natureza, pois na família predominava o sangue europeu.

Sua avô era clara, e se sua mãe tinha o moreno característico das brancas nascidas em clima tórrido, qual o do Maranhão, seu pai era do tipo louro do norte europeu, tipo que se notava em todos os irmãos Vêras.

Procurando decifrar o enigma de tais anomalias, êle escreveu, longe de penetrar no fundamento verdadeiro das palavras: "Sou, física, moral e intelectualmente, o produto de quatro ou cinco famílias que o tempo e o meio vêm debilitando, e que se aclimatou, sem se integrar, no ambiente americano. Isso explica, talvez, as ten-

dências disciplinadas e disciplinadoras do meu espírito, a minha paixão pela ordem clássica, e a feição puramente européia do meu gosto. Tenho horror á insubmissão, e á desordem, que assinalam os homens cujos antepassados foram escravos. Vibram, automaticamente, no meu sangue e nos meus nervos, oito séculos de civilização”.

São do Humberto de Campos ou do Espírito reincarnado as intuições de tais idéias reminiscentes?

O principal traço do seu Espírito Humberto de Campos o sentia talvez na *perseverança* com que trilhava o caminho da vida, mesmo o da obscuridade, porque (a frase é sua) disse: Gosto de subir, mas não gosto de mudar de escada.

Em verdade, a *perseverança* era apenas a resistência subconciente do Espírito aos óbices — naquela altura da vida, amolgadores da Alma culpada e carecente das provações da miséria e da humilhação.

Bem menino ainda, longe de sua mãe, sofreu dores no corpo enfermo, passou fome, curtiu chuva e frio, teve por leito muitas vezes o chão duro e mal forrado.

Empregado de comércio caipira, Humberto de Campos desempenhou mistéres rudes e rasteiros, de vassoura na mão ou junto a tanques de lavar vasilhames, sempre identificado com as obrigações que achava naturais e compatíveis com a sua situação subalterna.

Nunca, em tal período de provação inicial da vida, aspirou — invejoso — as culminâncias dos contemporâneos; jámais acariciou realizações que lhe trouxessem aplausos e sagração; em oportunidade alguma fremiu pelas gloriolas de que teve notícia ou idéia, em ensaios de revolta contra a sua colocação na hierarquia social.

Nesse período (êle o diz em mais de uma parte de suas *Memorias*) a ambição só lhe soprou um sonho: ser sócio da casa comercial onde mourejava.

Foi o maior remigio daquela inteligência de ouro, que só o tempo faria polir, pelas mãos do Destino, para brilhar intensamente aos olhos das gerações do presente e do futuro.

Quando o seu horizonte intelectual se elasticou rumo das leituras, os primeiros livros apetecidos não foram os da literatura propriamente dita, mas os que, incientemente quiçá, lhe iam trazer alguma remota lembrança do passado, e entre êsses a estafadissima — *História de Carlos Magno e dos doze pares de França*.

Leu mais tarde Coelho Neto, que, com uma viagem á terra natal, acendêra grandes entusiasmos em todo o Maranhão. Humberto de Campos partilhou do encantamento e decalcou até alguma debil produção retirada dos livros do festejado escritor; mas, apagado o fervor, quando teve o primeiro contacto com uma biblioteca pública, seu autor preferido foi o mesmo de Santos Dumont

— em identica altura de idade; Julio Verne.

Só alguns mezes depois, levado por indicações que colheu em artigos que compunha na tipografia onde trabalhou, e também hauridas em palestras que ouviu, perdeu-se no labirinto de Max Nordau, Ernesto Hæckel, Luiz Buchner e outros grãos-mestres do materialismo científico, crítico e filosófico.

Bracejando dentro da treva ainda espessa que lhe sombreava o entendimento, êle buscou assimilar a algebra da ciência que lhe vinha explicar os fenômenos da vida, a razão de ser de muitas cousas que o raciocínio não sabia enfrentar; procurou trazer do fundo do próprio EU a claridade que lhe iluminasse aquele ambiente de palavras meio hieroglificas — destruidoras de todos os sentimentos religiosos e de todos os temores ditados pela intuição da idéia de Deus.

Lendo quanto lhe era possível, nunca teve idéia de vir a ser escritor. Nunca.

Um livro de vulgarisação da filosofia positivista trouxe ao seu entendimento um pouco de esperança na primazia do homem sôbre todo o universo, mas não lhe apagou o sentimento recôndito que vigílava pelos rumos definitivos, entretendo-o apenas com idéias provisórias, até que chegasse o tempo da ascensão da futura glória das letras pátrias.

È começou a luta de Humberto de Campos, a

debater-se com êle próprio, para entender o negativismo dos materialistas.

Precisamente aí, êsses líderes do Nada despertaram o adormecido passado cultural de Humberto de Campos, trazendo á tona do seu raciocínio conciente a avantajada bagagem de conhecimentos com que viajara através as vidas anteriores.

Agitando as fibras mais recônditas da sua Alma, e falando ao criticismo jacente no seu Espírito, tais autores fizeram o beneficio de trazer-lhe a oportunidade de aquecer ao sol do livre exame as velharias religiosas, salpicadas da ferrugem do passado e enxarcadas pelo enxurro do ateismo negador.

Humberto de Campos confessa que o esforço para compreender os transcendentales problemas versados por aqueles atêus eminentes, ficava acima dos seus conhecimentos e da sua capacidade de assimilação.

È ficava sem destrinçar o *por que* de alguns fenômenos, ainda que contente com a liberdade aparente que as doutrinas negadoras lhe haviam proporcionado.

Criado á sôlta, num vilarejo de acanhados limites, o menino Humberto aprendeu todas as maldades garotas que na sua idade dão a medida de uma índole má; vivendo em lar onde não havia homens e onde contava com o imenso amor que lhe votava sua mãe; ligado a outros criançaço-

las vadios, que viviam de traquinadas perversas, e mesmo a adultos de impetos facinorosos; Humberto aprendeu tambem uma linguagem imunda de que se servia, nas repetidas explosões de cólera infantil, apesar dos castigos rigorosos recebidos das mãos maternas.

Por isso, tinha êle um vago receio dos castigos com que os preceitos religiosos ameaçavam os filhos desobedientes, os autores de atos perversos; mas, quando o materialismo quebrou em seu entendimento ainda rudimentar a idéa de Deus, de uma outra vida de reparação e arrependimento, — exultou e sentiu-se mais á vontade na intenção de praticar cousas piores, de vez que o Nada da morte tudo apagara.

Mas, algo velava pela responsabilidade futura do seu próprio Espírito.

A seus olhos veiu a leitura de Samuel Smiles, o autor dos livros mais sadios que se possam exigir para formação do caráter e disciplina da atividade.

Recebendo indelevel impressão dos profundos ensinamentos moraes que neles se encontram, fez desse livros seus verdadeiros mestres e seus defensores no juri espiritual onde seriam julgados os criminosos princípios do ateismo, homicidas da sua ingenua crença de adolescente.

Segundo Max Nordau (Humberto o lembra), a memória, isto é, a repetição de um determinado pensamento, era consequência de movi-

mentos sanguíneos acionando celulas cerebrais; no entanto (raciocinio de Humberto), o gramofone — simples máquina, repetia mais do que o pensamento, a voz humana, sem intevenção de neurones e das cordas vocais.

Era a prova de que, dentro do anão humano dos livros, havia o hércules do subconciente: o Espírito.

E, assim, por entre essas crises de espiritualidade que lhe assaltaram a alma aos três lustros de existência, sentindo em choque constante, no subconciente, as leituras que fizera (Buchner e Smiles, Comte e Coelho Neto), o futuro escritor — glória das letras brasileiras — foi emergindo de si próprio, aprimorando sua cultura, sem recursos pecuniarios, nem possibilidades que lhe permitissem aspirar um diploma de doutor das academias científicas.

E afinal venceu, porque trabalhou, sentiu a verdade dentro das lutas, auscultou a predestinação das creaturas no scenario das realidades, e só não viu através a cortina da Dúvida porque lhe faltou coragem para levantá-la e espiar no além-da-vida terrena.

Trabalhou, subindo os grandes rios amazonicos até ás regiões ingratas dos seringais, onde as febres se embocam em remansos paludosos; auscultou a predestinação das creaturas, observando a triste condição dos servos daquelas glebas, verdadeiros escravos na terra da liberdade

maior; contemplou o cenário das realidades, constatando o contraste entre o sacrificado extrator do latex precioso, sempre pobre, anônimo, febricitante de paludismo, preso ao patrão-senhor, — e o ricaço que, nas capitais, frêe o sangue, a vida, a tristeza, as lágrimas, as desesperanças daqueles párias, mudadas no conforto dos palacetes e nas alegrias do vinho de luxo, existências consumidas e transformadas em ouro para enfeite das verdes flanelas que forram as mesas de jogatina nos cassinos elegantes.

É só não viu além das fronteiras da vida, porque não testemunhou — *de visu* — o sofrimento castigador que tritura, no remorso e no desespero, os Espíritos culpados, nos insondáveis arcanos das consciências, na Terra e no Espaço.

Mas não foi perdido o fruto de tais observações. Ele escreveu para a imprensa emocionadas páginas de narração e defesa, sobre a situação humilhante e sacrificada daquela gente, novos calceas do trabalho forçado.

Foi o primeiro traço que o indicou á notoriedade entre os homens que escrevem para o público, embora ele (que jámais pensava em ser escritor) houvesse cogitado apenas em protestar contra o regimen cruel dos seringueiros e pedir para isso a ação do Governo.

Ingressando, a seu tempo, na aristocracia do jornalismo que vicejou nas terras da Amazonia, na época de Eliseu Cesar, Dias Fernandes, Paulo

Maranhão e tantos outros, ali seu Espírito reconstituiu decerto muitos quadros das existências anteriores, quando estudou os costumes quixotesicamente pródigos dos tabaréus enriquecidos nos seringais, e observou o luxo importado da Europa pelos magnatas da política e do dinheiro.

Foi nesse período, de primeiras alternativas, quando ainda escrevia nas colunas da opposição, que completou talvez o derradeiro estágio preliminar da sua ressurreição intelectual, antes de tornar-se, ali e na metrópole brasileira, um dos altos expoentes dos talentos literários do seu tempo, como que a documentar que o valor das inteligências é interior e independe de grande saber e de grandes ambientes sociais preparatórios.

Quiçá, por força de tal disposição inata, Humberto de Campos disse do seu feitiço: “Não gostava de estudar; mas gostava de lêr”.

Iniciando sua vida de plúmivo, Humberto de Campos revelou ser um grande e elegante psicólogo, que sabia mesclar a um incidente banal da vida quotidiana o comentário erudito, cheio de observação e filosofia, exteriorizando um Espírito seguro dos seus pontos de vista.

Mas, onde haurira êsse aticismo, aquela ironia finamente sarcástica com que pontilhava as referencias aos ridiculos de todo genero?

Quem lhe deu, no ambiente plebeu da matutada que fingia de elegante e culta, o dom de allear-se — sem mestres — ás culminâncias de

crítico simpático ou justo, bitolando o perfeito e o censuravel nas medidas exatas da verdade?

Amadurecendo seu entendimento num meio infestado de adventícios, para os quais a *Canção do aventureiro* (do *Guaraní*, de Carlos Gomes) poderia servir de primeiro versículo da GÊNESIS da sua Bíblia, Humberto de Campos subiu para os minarêtes do bom-senso, ao invés de descer a escadinha que conduz á piscina de lôdo onde se banham as consciências sem escrúpulo.

Viu decerto muita vez o ricaço pachola, para acender o charuto, tirar do combustor de gaz a chama com uma cédula de quinhentos mil réis...

E então observou serenamente, sem a invejosa revolta que faz de cada fracassado um socialista — noivo do Comunismo, todas as contingências inelutaveis das sociedades, e tirou as equilibradas conclusões da — harmonia dentro das desigualdades — que lhe nortearam a existência de homem pobre e trabalhador incansavel.

Compreendeu que a vida se rege por uma série de leis naturais que ninguem pôde modificar, e que as colectividades se governam pelas convenções que consultam aos interesses dos mais fortes.

Respeitar essas leis e essas convenções, eis a maneira do individuo entrar e vencer na harmonia da vida comum.

Só com a sua intelligência estelar, com o altivo desejo de trabalhar pelo pão de cada dia, dentro da lei divina que para isso impoz o "suor do

rosto" aos Espíritos culpados, Humberto de Campos, com a mesma pena, feita de — perseverança — escreveu o nome na lista dos parlamentares da Camara dos Deputados e o inscreveu tambem na elegante immortalidade da Academia Brasileira de Letras.

Servido por um talento, que era brilhante do mais alto quilate, tanto fulgia á luz solar, nas primorosas crônicas de commentário elegante, quanto fulgurava á brancura lunar, nas facecias salgadas que era preciso esconder nas sombras da noite, para que não se visse o rubor que acendiam, equações de riso — simbolisadas algebricamente por XX...

Para não acotovelar concurrentes, subiu pelo meio da escada, deixando os corre-mãos aos trôpegos, e assim venceu sem polémicas, sem invejar ninguem, sem o cabotinismo de bater aplausos á frente dele próprio, sem conduzir no bolso vidros de pó doirado para derramar sôbre os tamancos da fatuidade endinheirada, novo engraxate a polir de lisonja os coturnos dos que dão boa gorgeta.

E' que naquele engenho cerebral só se produzia o mel alvejavel que assucára as emoções das sãs leituras, e nunca a bagaceira que embriaga de sentimentos malsãos as mentes afeitas a beber nos livros e jornais o aperitivo com que aguçam o apetite para os banquetes infernais da intolerância política ou religiosa.

E' preciso admitir a predestinação do Espí-

rito — na escolha das provações — para compreender *por que* Humberto de Campos não se atolou nas corruptelas, transigindo, venalisando-se para nadar em confôrto e banhar-se de luxos requintados nas praias e cassinos.

Desde antes de ingressar na imprensa carioca, ainda na Amazonia, os seus escritos mostram uma conceituação filosófica que não teve tempo de aprender nos compêndios tabaréus do interior nortista, nem no rápido estágio do periodismo local.

Naquelle cenáculo de talentos que fulguraram na *Provincia do Pará* não havia logar para tatibitatis primários, nem professores para ensinar o *abc* do jornalismo a matutos de boa vontade.

Humberto de Campos teve contacto com os governantes dali, secretariou o arbitro da política paraense, o então indiscutível — Antonio Lemos, teve nas mãos todas as oportunidades para fazer negocios e amealhar fortuna; mas, quando tudo mudou, e a turba apedrejou os idolos da véspera, desmoronando os templos da antiga devoção, a Humberto de Campos, de quanto lhe viera para os bens patrimoniais, só lhe ficara a sua pena de ouro, com a qual escrevia — molhando-a ás escondidas no próprio coração.

Foi com êsse cabedal (verdadeiro tesouro, decerto, para quem o sabe movimentar) que chegou ao Rio de Janeiro, onde venceu pelos fulgores de um Espírito que ressurgia para a vida intele-

ctual, trazendo nos baús do subconciente a indumentária completa para os grandes festins da Inteligência.

Percorrendo-se as crônicas de Humberto de Campos nota-se o estranho consórcio de uma filosofia profundamente erudita e sintética, de cunho espiritualista, com uns laivos, esporádicos e típicos, daquele naturalismo que fez certa fama do teatro grego — tão flagrante na *Lisistrata*, de Aristóphanes... É quando escreveu naturalismo algo mais crú, talvez fosse para dar ao bolso mal provido a moeda devida ao merceeiro...

Cioso do seu cabedal, o Espírito de Humberto de Campos não se banalisou nas arremetidas boêmias contra a garrafeira dos botequins afidalgados ou não, ou para cortejar a popularidade, a espalhar ditos, em pilulas de galhofa, para gaudio da gente que ama e cultiva a pornografia.

Sem empáfias de senhor das letras, sem impingir-se — á fôrça de dizer: aqui estou eu! a glória literaria lhe chegou ás portas do lar e lhe deu ingresso para o Panteón dos verdadeiros imortais.

Não adulou governos, nem deitou a tarrafa do elogio venal, para pescar o peixe vitalício de uma boa sinecura burocrática.

Agradou, é certo, alguns políticos e literatos; mas o fez com a linguagem carinhosa de amigo, e não com a reverencia do cortejador que se percebe estar semeando — para colher mais tarde...

Esmerilhando-se particularidades da vida do

grande escritor, possivelmente se lhe notarão jaças no diamante do seu carater; mas, é preciso compreender Humberto de Campos em toda a extensão da sua personalidade espiritual, frisando as condições especialísimas que assinalam os responsáveis por grandes culpas do passado, quando reincarnam para uma vida de resgate.

Sempre tocados de mediunidade, êsses Espíritos são acessíveis a influências e arrastamentos ligados ás afinidades das existências anteriores, e, por isso, têm atitudes bem díspares — nem sempre explicáveis dentro do padrão de conduta ou das exigências das condições sociais do indivíduo.

Tambem é mister atentar para o profundo pessimismo que a vida de Humberto de Campos armazenou durante a estadia no norte do Brasil, onde os costumes obedeciam a usos e necessidades locais.

Educado na pobreza descuidada e desprovida de tudo que alicerça um bom início de vida, êle, pobre garoto — cuja riqueza única foi o imenso amor que sua mãe lhe consagrou, vicejou isolado, com o estigma da feiura plástica que o tornára desconfiado e arredio, sem exemplos de moral sadia (inclusive em parentes — de família á margem da lei); êle não teve, na sociedade mais alta em que ingressou, exemplos fortemente são, nobilitantes, elevados, que lhe apagassem as indeléveis impressões que armazenára na memória.

Bem ao contrário, o espetáculo que se lhe apresentou foi o de uma turba que se entredevorava, na ânsia de ganhar dinheiro, na febre do *ensilhamento da borracha*, sem escrúpulo no sacrificio dos seus semelhantes, tripudiando — impunes — sôbre as mais comesinhas leis de humanidade.

Por outro lado, gosadores indiferentes aos males alheios, em orgias permanentes de gastar dinheiro, tomando cóquetêiles de champanhe, espojavam-se nos vícios do jogo e da sensualidade, sem que represália alguma lhes viesse sôbre o egoísmo empedernido.

Sem fé, tendo atravessado o mar da Dúvida, sem conseguir atinar com o porto da Certeza, seu espírito religioso ficou, após o insucesso da viagem, bordejando nas aguas mórnas da Indiferença.

Por isso, quando ingressou num ambiente e numa situação para a qual não estava preparado, o — homem — nem sempre teve a firmeza que o — Espírito — guardou no rumo.

É tambem por isso, talvez, quando as glori-ficações lhe chegaram, não teve a alegria de viver, porque, desde então, muito lutou e muito sofreu, presa de um mal terrível que lhe atormentava o corpo, permitindo-lhe, ás vezes, sonos de uma hora apenas, deixando-lhe só a lucidez para medir a extensão do seu drama, vendo-se — êle — o festejado literato predileto da época, acorrenta-

do pela Dôr, enquanto os mediocres, os rimadores das favelas e das silabádas mattas palmilhavam livremente as avenidas...

Conduzido por invisíveis mãos protetoras e amigas, chegou ao pináculo de uma vida, que devia terminar cedo, oferecendo a eloquente lição sintetizada na sua existencia de sagração e amargura, fundidas num vinho fascinante de perfume, mas terrivelmente amargo de tragar.

É a santificar e a explicar o calvário da sua reencarnação — ei-lo formidavelmente resignado, mostrando o Espírito, enriquecido no passado, a sofrer todas as penurias no resgate das culpas, a lutar heroicamente até final.

Sem isso, a sua reencarnação teria sido inócua, quasi estéril, talvez em pura perda, valendo por uma estagnação temporária na ascése para estágios de mais alta perfeição.

O seu fim, de torturas, é a tinta forte a ressaltar o fundo do quadro: o palacio da Glória, a cuja porta a Morte o espera com o seu fatal amplexo.

É até essa esplendida vivenda, onde tambem vive a Fama com as suas tubas de oiro, êle chegou sem perder o trilho.

Infante, correu sérios riscos de mergulhar no nomadismo parasita, desajudado que foi de qualquer educação vigilada e eficientemente moralisadora; moço, caiu num ambiente em que as seduções fascinam e subjagam em múltiplas vo-

lúpias, e onde se aprende no bilhar do fingimento as carambolas dos amores ilicitos, no pôquer da vida a blefar os incáutos, na Bolsa dos deshonestos a impingir apólices que representam contos-do-vigário.

Depois, chegando mais alto, si se dobrasse ás tentações da situação reinante, teria metido fundo as mãos nos cofres dos favores públicos, tirando de lá aquela farta côdea de pão desavergonhado que dá para sustento durante um bom resto de existência; si obedecesse aos acenos da cobiça e da inveja, Humberto de Campos teria sido um dêsses *socialeiros* disfarçados, que gritam contra as injustiças sociais, achando as riquezas e bens mal divididos — só porque não lhes está nas unhas sujas um bom quinhão de dinheiro e de honrarias.

Guardado, porém, pelos invisíveis Amigos que o confortaram e lhe estenderam mãos compassivas, êle viveu — homem do seu tempo, sem laivos angelicos — uma existência útil de bom brasileiro, que enriqueceu o patromônio literário da sua terra, pagando o pesado tributo lançado sôbre as grandes inteligências — quasi sempre em conta corrente devedora no Passado.

Sem resignação para sofrer, teria fugido ao cárcere da Dôr, pulando a janela do suicidio, mesmo indiretamente, enfiando-se na vida meio inconciente dos *boêmios* que não se respeitam e preferem mostrar-se em público quando a policia

está cochilando de cansaço nas rondas.

Seus escritos não têm jeremiadas de injustiçado da Fortuna, e, na medida da sua beleza e da sua fôrma erudita e adequada, guardam a linha réta que vai do — Humberto de Campos moço, festejado e próspero, ao — Humberto de Campos enfermo, atormentado de sofrimento e de responsabilidades pecuniárias, que o seu cérebro medía e provia quotidianamente.

Trabalhando até ás vespéras de baquear sob a ininterrupta agruã de um mal progressivamente doloroso, êle ficou, sem orgulho, mas ativo, esperando que a Morte lhe viesse arrancar das mãos a pena incansavel no ganho honesto do pão quotidiano.

A sua coragem na luta pela vida não teve crises de anemía.

Seu Espírito trouxe reservas de resistências, e com êsse mealheiro atravessou revézes tremendos, sem choramingar a piedade humilhante de quem quer que seja.

Muitas vezes, quando fazia pender a fronte exausta sôbre as mãos, terá tido, possivelmente, a visão indecisa de um amigo imponderavel a encorajá-lo a suportar impávido todas as amarguras, sem blasfêmias, sem murros de revólta sôbre a mesa do labor, que os seus olhos, semi-fechados pela moléstia, cada vez menos divisava.

È assim misteriosamente confortado, Humberto de Campos oferecia a surpreendente apa-

rencia de uma creatura que, durante a noite, tomava injeções de dores, para, durante o dia, sentir-se mais forte na resistência ao sofrimento.

Certo, êle se considerava um enterrado vivo; mas, nêsse mesmo paralelo, mostrava a quietude dos mortos — que jámais podem protestar contra o dominio térreo do silencio e contra o reino perpétuo da treva que soberanos são das sepulturas.

Si escrevia chorando, as lagrimas eram transformadas na tinta melancolica e emocionante que emprestava ás palavras uma ressonancia de poesia dolorida, de místicas melodias vibradas de alma para outras almas gêmeas, num misterio indefinivel de piedade e dôr. È quando as mãos anquilosadas pela intumescência mórbida só lhe permitiam o trabalho em máquina de escrever, ainda o misterioso élo parecia transmitir aos corações dos leitores as pancadas do teclado, levando em cada letra um soluço do cruciado Humberto de Campos — que com êsses soluços gravados no papel oferecia ao mundo os seus derradeiros poemas de amargura e resignação.

Nem mesmo a doçura suavíssima da crença religiosa atenuava o drama silencioso daquele esboroar de corpo heroico, talvez para que não parecesse ser a sua conformação ao sofrimento a simples consequencia de auto-sugestão inhibitoria, de misticismo fanático a galvanisar-lhe a alma na resistencia á dôr física.

È isso ainda mais agranda a delicadeza, triste

e resignada, com que agradecia as manifestações de simpatia recebidas, olhando com a tolerancia de um apóstolo de brandura os testemunhos da alheia fé.

Já em 1933, nas columnas de um dos nossos prediletos jornais, o *Diario Carioca*, Humberto de Campos deixava este lapidar e eloquente documento de terna e comovida simplicidade:

“Uma das ultimas publicações que fiz nesta fôlha antes que a gripe me puzesse “knout-out”, constou apenas da transcrição de alguns trechos do meu “Diario”, relativos a dois mezes de 1931, e teve, mesmo, como titulo, “Diario de um enterrado vivo”. Gritos de alma, gestos surdos de um coração no fundo de uma existência calada. Agonia ignorada de todo o mundo. Pedidos de socorro... levantados num subterraneo deserto. Gemidos, enfim, de um homem que se habituou a gemer com os lençóis na boca, afogando-se a si próprio, para não perturbar o sono do seu visinho.

A denúncia imprudente desse sofrimento, agora, encontrou, todavia, repercussão em algumas almas caridosas. Dez ou doze cartas me vieram ás mãos, trazendo, cada qual, uma palavra de solidariedade e de conforto. Pessoas que jámais vi, corações que jámais palpitarão nas proximidades do meu, deixaram os seus cuidados quotidianos, gastaram o niquel do seu pão ou do seu cigarro no selo da franquia postal, e enviaram ao trabalhador ferido e pobre o remedio que lhe podiam dar.

— Estou ás suas ordens, — dizem alguns dos missivistas; — estou pronto para, sem nenhuma retribuição, ser o seu datilografo, e fixar o seu pensamento, quando lhe faltar de todo a luz dos olhos!

— Continue essa admiravel lição de coragem, re-

cebendo de cabeça erguida a sentença do Destino! — incentivam-me outros.

E outros, ainda:

— Volte-se para Deus; prepare a sua morte com a sabedoria cristã que a misericordia divina lhe forneceu e que não soube utilizar na edificação da sua vida. Aproveite a luz que bruxoleia no fundo do seu espirito, e peça á Igreja o consolo que o mundo lhe nega.

Três desses missivistas, compadecidos, me apontam, porém, para chegar á presença de Deus, e obter aqui mesmo na terra as suas graças, outro caminho: são almas caridosas que me desejam vêr, não livre dos tormentos do Inferno na outra vida, mas da cegueira completa, que continua a processar-se, aqui mesmo, neste mundo. E os signatários, que se revelam todos, além de bondade de coração, de cultura de espirito, me dizem, com insistência afetuosa:

— Por que não tenta o espiritismo? Por que, se a Ciência dos homens lhe tirou a esperança, não tenta o sobrenatural? Não precisa crêr; ninguém exige a sua adesão; mande consultar um “medium”, siga as prescrições que êle lhe dêr, e espere. Não precisa fé. A bondade de Deus é para todos os seus filhos. O senhor pode receber a parte do Filho Prodigio.

Ante essas manifestações de interesse pela sorte de um humilde escritor doente, é natural que esse escritor demonstre a esses amigos generosos e desconhecidos que não é por orgulho, ou por intolerancia filosófica ou religiosa, que ainda se não curou. Não foi o enfermo que recusou os recursos da medicina sobrenatural: foi a farmácia prodigiosa e invisivel que se fechou deante dele. E como todos os acontecimentos da minha vida constam do “Diario” que ainda agora determina esta explicação pública, limito-me, para este esclarecimento, á cópia de duas paginas desse livro íntimo. Ei-las:

“DOMINGO, 14 DE AGOSTO 1932 — Ha um

mez, mais ou menos, mme. F., proprietária da pensão em que atualmente resido, perguntou-me se acreditava no espiritismo. Respondi-lhe com um gesto vago, mas em que havia mais negativa do que afirmação.

— Eu também não creio, — respondeu-me; — mas, tais são as cousas que tenho visto, e tantas as curas por espiritismo, que fico na dúvida, sem saber o que pense a respeito.

E conta-me o seu caso, e o caso de amigas e conhecidas suas, cujas enfermidades foram diagnosticadas, e curadas com receitas fornecidas pelos “mediuns” os quais chegaram a corrigir, algumas vezes, médicos ilustres anteriormente consultados. E conclue:

— Por que o senhor não experimenta o espiritismo? Si o senhor quizer, ponha o seu nome, a sua idade e a sua residência em um papelsinho, que eu dou a meu marido e êle faz a consulta.

Dou-lhe a papeleta, com essas informações pessoais. E esgota-se a primeira semana. Decorre a segunda. Termina a terceira. E não me lembrava mais do caso, quando, esta manhã, mme. F., empurrando levemente a porta do gabinete, onde eu escrevia tranquillamente, pediu licença e, entrando, encostou-se á mesa.

— O senhor deve estar aborrecido comigo e com F., — começa, ao mesmo tempo que calça as luvas, pois que vai sair para a reunião dominical da sua igreja protestante; — mas meu marido não se esqueceu do negócio do espiritismo... Êle está é embaraçado para lhe dar a resposta... O senhor é, porém, um homem superior, e não ignora a gravidade da sua doença. De modo que eu achei melhor vir lhe dizer logo a verdade.

Toma folego. Desabotoa as luvas. Abotoa-as

novamente. Continua:

— F... (o marido) foi a duas sessões de espiritismo, e tanto numa como na outra, com dois “mediuns”, que não conheciam um a resposta do outro, o resultado foi o mesmo: isto é, que o senhor está muito doente e pode morrer de um momento para outro; de modo que nem vale a pena receber... Os espíritos acrescentam que o senhor abusa muito da sua saúde, mas que o médico que o senhor tem é muito bom...

E notando, parece, em mim, o efeito da notícia:

— E' possível, porém, que isso não seja verdade... No meu caso êle acertou... No de S... também, e em todos os outros... Mas, no do senhor pode não dar certo... De qualquer modo, o senhor é um espírito forte, e é melhor estar prevenido...

Um frio irresistível me corre pela espinha. Agradeço a informação, simulando serenidade, e mme. F... retira-se. O coração bate-me, descompassado. Tenho a impressão de que vou desfalecer. Ponho-me de pé, buscando respirar com força. Deito-me. Levanto-me. Passeio pelas duas salas desertas, atônito, o pensamento em desgoverno, como quem acaba de receber uma violenta pancada no craneo.

Afinal, eu creio ou não creio?”.

Aí está uma explicação, sincera, leal, aos espíritos que me escrevem, interessando-se pela minha saúde. Bati, embora sem fé, ou mandei bater por mão alheia, á porta em que todos recebem esperanças e consolação. E o que de lá me veio, foi, ainda, como vêem, a desilusão e a Dôr...”.

Hoje, quantos têm entendimento de entender, podem constatar que o grande e querido escritor — chamado, na Terra, Humberto de Campos,

nunca esteve abandonado daqueles Sêres que aparecem aos olhos do vulgo inciente como constituindo o — sobrenatural.

As mensagens do Espírito de Humberto de Campos identificam, pelo texto e pela mesma vibração de beleza das do Humberto de Campos — homem, a continuação da vida intelectual, dêste, naquele.

Si, ás horas do sofrimento do corpo, não veiu o remedio material, descia de lá a aura de coragem resignada para balsamisar a provação do Espírito na subida do seu calvário, até que chegasse o momento do testemunho.

É o testemunho aí está, reiterado em páginas de encanto e ensinamento, a caminho de uma bibliotéca, a que ficará ligado tambem o Espírito meigo e sensibilíssimo do medium, Francisco Candido Xavier.

Do fundo da minha humildade absoluta, não tenho autoridade para pedir cousa alguma a êsses gigantes do Espiritualismo, onde milita um EM-MANUEL, e onde já fulge Humberto de Campos; mas, apesar disso, tenho o desejo de suplicar que sôbre a Alma de cada um dos leitores de tais mensagens desça a luz da crença, ou, quando menos, uma sensação de bênção, de paz, de conforto, de esperança serena, de confiança no futuro, um propósito de melhores sentimentos, a PAZ DA CONCIÊNCIA, tudo para maior glória do Espírito de Humberto de Campos, na verdadeira glória da VIDA ETERNA !

NOTA FINAL

sobre o médium

Francisco Candido Xavier

(por Almerindo Martins de Castro)

Agora que a produção literaria mediúnica, vehiculada pelo lápis de Francisco Candido Xavier, conquistou o respeito de eminentes vultos das nossas letras, inclusive o maior dos criticos brasileiros, Agrippino Grieco, cabe aqui um despretençioso, mas sincero apêlo a todas as almas bem formadas que hajam percorrido as páginas de tais trabalhos, no sentido de não acolherem as injustissimas suspeitas que pessoas menos tolerantes atiram sobre os sentimentos e honorabilidade intelectual daquele médium.

A palavra Espiritismo não deve constituir motivo de anátema, por isso que não retira da creatura a condição de filho e crente no mesmo Deus supremo das religiões. A faculdade mediunica não é um caracteristico de seita religiosa, que inscreve a creatura no rol dos espiritas ou na nomenclatura dos epilépticos.

Dom indefinido ainda, porque só se lhe conhecem os efeitos, com êle vêm á vida terrena sêres que adotam na maturidade idéas diversíssimas em materia de crença, sem que êsses antagonismos — meramente individuais — alterem no mínimo a dita faculdade espiritual.

Manifestações mediunicas têm sido observadas em pessoas inteiramente alheias ás doutrinas codificadas por Alan Kardec, sem distincção de credo ou idade.

Eloquente exemplo — pelo valor da insuspeição — é o de Pio IX, o glorioso pontifice a cuja envergadura política se deve a honrosa attitude da Igreja Romana, quando vencida e despojada do Poder Temporal pelos heróis da unificação italiana.

Pio IX (Veja-se o livro de Villefranche, *Pio IX*, Lisboa, 1877, cap. I) foi médium, cuja impulsividade característica está estampada em muitos dos incidentes da sua vida.

Ao sair da infância, começaram as primeiras manifestações da sua mediunidade, sendo tomado pelos Espíritos, de modo a alarmar a família.

Entregue aos cuidados médicos, estes diagnosticaram a indefectível... epilepsia, declarando-o incurável. Valeu-o a dedicação ilimitada de sua extremosa progenitora, que, á força de orações e cuidados de toda ordem, conseguiu atenuar a ação dos Espíritos, permitindo que o futuro pontífice pudesse ingressar na carreira eclesiástica, na qual contaria com a proteção do seu parente Pio VII, então ocupante do Vaticano, apesar do exílio a que o obrigará a violência de Napoleão I.

Mas, apesar da atenuação das influencias dos Espíritos, o então padre João Maria Mastai ainda era sujeito a manifestações mediúnicas, razão por que só lhe era permitido celebrar missa acompanhado por outro sacerdote (possivelmente na previsão de que fosse acometido de interpestivo transe mediúnico, isto é, "ataque epileptico", que viesse interromper a cerimonia. Nada impediu, no entanto, que fosse um homem lúcido e culto, um grande pontífice, mesmo dentro da condição de médium.

Outro exemplo — de igual relevo na insuspeição — é o de William Staiton Moses, notavel pastor protestante, que foi um robusto e fecundo talento, aliado a invulgar integridade de character, qualidades que demonstrou desde os bancos colegiais e lhe deram excepcional prestigio em todos os postos que ocupou, tanto nos curatos, quanto no magisterio.

Abandonando as atividades habituais, por motivo de saúde, teve a atenção despertada por pessoas amigas para os fenômenos chamados espiritualistas, e buscando estudá-los, a pedido de uma dessas pessoas, as suas proprias faculdades mediúnicas despertaram, em razão do que recebeu, psicograficamente, notabilissimas mensagens (reunidas no volume — *Ensinos Espiritualistas*).

Dotado de sólida instrução, conhecendo a Biblia e a teologia luterana proficientemente, Stainton Moses não se deixou vencer pelas primeiras manifestações dos Espíritos.

Bem ao contrário, elle debateu o assunto com a erudição e amplitude que seus cabedais permitiam, elucidando sob o ponto de vista filosófico todos os antagonismos surgidos entre a doutrina dos Espíritos e os preconceitos de que partilhava, aprendidos na hermeneutica exegetica dos teologos mais eminentes.

Recebendo cada uma das mensagens doutrinárias, Stainton Moses opunha, mentalmente, argumentos sólidos contra esses ensinamentos; mas, tão depressa os formulava, o Espírito manifestante dava, pelo lapis do proprio Moses, a resposta categorica, erudita, irrespondível.

Embora dotado de tão prodigiosa quanto incompreendida faculdade, Stainton Moses não perdeu a personalidade de homem, e muito se fez querido e útil, pelos grandes e meritorios atos de altruismo que praticou, socorrendo e ajudando espiritual e materialmente quantos recorriam á sua beneficencia e aos seus conselhos de sadia moral, e ainda fundando varias instituições (a *Aliança Espiritualista de Londres* é de sua criação) que tiveram grande destaque nos trabalhos e estudos levados a efeito.

Assim em todos os casos de mediunidade; o individuo não dissolve a sua propria personalidade, exerça ou não ostensivamente, conheça ou ignore o dom de que é possuidor.

Grandes vultos da ciencia, da literatura e da política têm sido dotados da faculdade mediúnica, e, embora não a empregassem no sentido religioso, na comunicação afetuosa com os Espíritos, dentro das normas da Caridade cristã, — nem por isso deixaram de apresentar os nitidos traços de qualidades excepcionais, acima do comum das creaturas.

Joaquim Murtinho, a iluminada cerebração que o Brasil ainda não soube admirar nos seus justos termos, foi médium, e dos mais notaveis, porque, dispondo de uma cultura profundissima, teve ensejo de servir particularmente a muitos milhares de enfermos e coletivamente ao Brasil, — áqueles curando-lhes as enfermidades, á Patria injetando sangue novo nas arterias anemicas da circulação fiduciária — quando geriu de fórmula inegualada a pasta das finanças nacionais.

Médico, legou valioso cabedal á Homeopatia; Economista, descobriu a fórmula do nosso mercado cambial.

Suas curas ficaram célebres, e seu nome se tornou conhecido em todos os centros médicos do mundo, onde chegaram noticias dos diagnosticos videntes que formulava sem a menor dificuldade.

Seus dedos maravilhosamente dotados, levavam fluidos curadores aos organismos enfermos, e muitas vezes o doente sorria aliviado, com essa simples auscultação digital de prodigioso efeito.

Seu olhar, sua palavra tinham o magnetismo misterioso tipico da mediunidade; aquele possuía irresistível poder magnetico; a sua voz o dom de infundir confiança.

No entanto, o grande patricio não deixou de viver a sua existencia bem humana, sem laivos de santidade, de sectarismo ou de sintômas de alucinações epilépticas.

Assim tambem passaram mediunicamente desconhecidos Quintino Bocaiuva, Nilo Peçanha, Olavo Bilac, Coelho Neto, Machado de Assis, e tantos outros, que haviam trazido para a vida terreal êsse dom divino, que constitue o verdadeiro elo de ligação entre a Terra e o Infinito.

E, no entanto, quanto sofreram, isoladamente no quadro de suas condições individuais, no corpo e na Alma, talvez porque não conheceram as leis da mediunidade?

Francisco Candido Xavier é um Espirito reincarnado para a grande missão de espargir as luzes da Verdade universal, sob a égide protetora e vigilante de verdadeiros Amigos, missionarios da nova catequese nas terras de Santa Cruz.

Surgindo em um modesto recanto de Minas Gerais, em Pedro Leopoldo, assim o foi para que a humildade lhe selasse o passaporte de entrada na existencia humana, e assim obscura a sua personalidade servisse melhor para exteriorisar as rutilancias do que recebesse do Além.

Fracamente instruido, pois as escolas de uma vila não podem ensinar sinão cousas elementares, nunca lhe foi dado sair dali para frequentar cursos complementares e superiores, — tudo para que não pudesse colaborar com os seus conhecimentos nas formidaveis produções escritas pelo seu lapis — com a genialidade dos Espiritos.

Começando a trabalhar nos rudes misteres de empregado de armazem tipica e rusticamente matuto, assim devia ser, para que a sua personalidade não conhecesse nem afeiçoasse dissolventes encantos dos magazines das metrópoles.

Ligado a uma familia pauperrima, e relativamente numerosa, que era mister ajudar no ganho do pão quotidiano, Francisco Candido Xavier não teve tempo de pensar nas cousas tafues da indumentária ou nos divertimentos da juventude.

Menino, começou a trabalhar, e assim cresceu, simples, desprendido, modesto, pobre e feliz de Alma.

Quando o grande vespertino O GLOBO, desta capital, fez junto de Francisco Candido Xavier a mais sensacional

reportagem registrada nos anais do psiquismo, as numerosas testemunhas ficavam estupefactas — verificando que o médium era um desmentido vivo á propria produção do seu lapis, tão modesto êle, e tão grandiosas as mensagens recebidas. Os olhos viam e as inteligencias comparavam: tinha os pés metidos em tamancos e a cabeça mergulhada nas claridade do Infinito!

De uma feita, nessa reportagem, escreveu — DO FIM PARA O PRINCIPIO — um trecho em inglez (idioma ignorado do médium), trecho que só pôde ser lido com auxilio de espelho refletindo o positivo do original negativo.

De fins de Abril a meados de Julho de 1935, Clementino de Alencar, o talentoso e imparcialissimo reporter destacado, manteve os leitores d'O GLOBO enlevados com a narrativa e documentação da maravilhosa mediunidade de Francisco Candido Xavier, inclusive com a comprovação fotografica dos aspectos mais importantes a realçar no caso, onde se constatou a possibilidade de obter desde os sonetos inconfundiveis de Augusto dos Anjos até respostas eruditas sobre problemas da Medicina, inclusive a inimitavel elucidação que o Espirito de EMMANUEL deu sobre as causas possiveis do diabetes.

Apesar, porém, da retumbancia e da notoriedade advindas dessa reportagem, Francisco Candido Xavier continuou simples, desambicioso, modesto, mourejador.

Escrevendo por seu lapis o — *Parnaso de Além Túmulo*, livro único, sem igual e sem rival na literatura do mundo, outro, que não estivesse resguardado pelas forças de Espiritos muito amigos e bons, teria resvalado para a vaidosa celebridade — derivada daquelas páginas — onde estão identificados IRRESPONDIVELMENTE os maiores dos nossos poetas desincarnados, de estilo inconfudível, e cujos versos mediunicos os negadores sistematicos ficam reptados a imitar, sem decalque.

Mas, nem êsse, nem os outros livros psicografados alteraram o feitio de Francisco Candido Xavier. Continúa não aceitando — NEM MESMO INDIRETAMENTE — qualquer dádiva em troca ou retribuição da sua mediunidade.

Podendo estar a caminho de um sólido peculio, com os direitos autorais das suas produções editadas, jamais recebeu — NEM ADMITE QUE TAL SE LHE PROPONHA — um niquel sequer a êsse ou outro pretexto em que entre a sua faculdade mediunica.

Vive exclusivamente de modesto ordenado do seu trabalho (pouco mais de duas centenas de mil réis mensais),

e que destina fielmente ao sustento de pais e irmãos, de vez que o seu progenitor tem escasso provento da atividade que exerce.

Quicá exceda da oportunidade de um livro destes mol-des, os detalhes domesticos da personalidade do medium Francisco Candido Xavier; mas, dóe profundamente ler as injustiças e as descortezias escritas contra um moço digno da maior estima e da mais irrestrita admiração no terreno da espiritualidade.

Francisco Candido Xavier, saiba-o o Brasil inteiro, creiam-no as pessoas bondosas, tolerantes, de boa-fé, que bem avaliem o exato amor da familia, é um filho exemplar, irmão carinhoso, amigo prestativo, alma compassiva, desambicioso, simples em tudo, enfim, uma verdadeira alma angelica — amortalhada num corpo de homem.

Não é um santo — de jejuns e camândulas na mão; mas não tem nenhum dos defeitos proprios de uma creatura humana. É um medium VERDADEIRO, eis a sua única e maior definição.

Várias tentativas foram feitas, no sentido de arranca-lo do logarejo onde vive e ganha o pão com o suor do rosto. Emprégos com pingues ordenados, instalações de requintado conforto, tudo lhe tem sido posto ante os olhos, com idóneas garantias. Tudo recusou serenamente, convictamente, porque sente a sua condição de medium em ininterrupta ligação com eminentes e poderosas entidades do Além.

Infelizmente, um apêlo em favor da verdade em torno de Francisco Candido Xavier não poderá dar fruto sazonado, enquanto os preconceitos das religiões e das idéias prévias atribuirem aos médiums ligações infernais com Satanaz ou manifestações mórbidas, quando não manobras burlonas e especuladoras.

A realidade, porém, é que o dom mediunico não escolhe preferencialmente uma determinada seita.

D. Ana Prado, a célebre medium que irradiou da Capital paraense para o mundo inteiro estupefacientes fenômenos de materialisação, era catolica, apostolica romana, e sómente para atender a desejos do espôso acedia em tal.

Muitas vezes, foi chorando que ela se encaminhou para a sala das sessões mediunicas então realizadas, sem que se saiba si esse pranto obedecia a repulsa ignota do seu proprio Espirito ou á lembrança do seu mentor eclesias-tico — que lhe acenava com o inferno, por motivo das materialisações a que ela se prestava.

Hoje, no mundo da eterna verdade, a nobre e gloriosa senhora sabe, melhor que os pobres comentadores, qual das duas cousas teve mais valor, si os fenômenos produzidos ou si as lagrimas vertidas.

Assim o mansueto Francisco Candido Xavier, recebendo os calhaus das injurias, os pontapés das ingratidões, repellido as tentações das riquezas que lhe oferecem, continuando abraçado ao lenho da sua missão, no calvario de rosas da sua vida de novo apóstolo da palavra dos Espiritos, erguido na Galléia mineira do seu nascimento, proseguirá servindo á boa causa dos Mensageiros do Cristo, sem se emocionar com a grita da turba na pretoria da Intolerancia aonde são levados os inocentes e os humildes da coração.

De uma circumstancia podem todos estar certos: a cada salto da vibora da calunia, a cada injustiça que lhe acendem nos foguetes da injuria, êle sorri, numa expressão meiga e infantil, e diz:

— Que Jesus lhes perdõe, porque não sabem o que estão fazendo!



ALMERINDO MARTINS DE CASTRO

Antonio de Padua

(Sua vida de milagres e prodígios)

Entre todos os santos venerados pela Igreja e pelo fervor dos crentes, o glorioso Antonio de Lisboa, chamado também Santo Antonio de Pádua, foi o mais popular, o mais querido, o que maior prestígio conquistou no conceito do próprio sumo pontífice — que o canonisou em menor tempo do que o fundador da Ordem, São Francisco de Assis.

Seus milagres, verificados em quasi todas as terras da Europa, deram lugar a um culto que, de exagêro em exagêro, degenerou em fetiche e fanatismo, para cair num meio esquecimento, reduzindo-se a sua lembrança quasi a um mero pretêxto ás folias e fogueiras do mês de Junho.

Talvez por isso a figura do grande taumaturgo ficou imobilizada no aspecto que lhe deu a Igreja, parecendo aos olhos dos crentes e de incrêos um sêr definitivamente delineado e catalogado nesses pontos de vista extremos.

A verdade, porém, é que Antonio de Pádua precisa aparecer no seu natural feito de médium que foi, cujos feitos supranormais têm todos os característicos de phenomenos espiritas.

O livro de Almerindo Martins de Castro, o primeiro que aparece nesse sentido, narra documentadamente os milagres de Antonio de Pádua, as materialisações, as curas mediunicas, as profecias, os phenomenos de efeitos físicos, as bi-locações, os prodígios obtidos com as suas prédicas e com as irradiações dos seus flúidos magneticos, tudo comparado com factos espiritas ocorridos no Brasil, inclusive quanto aos sensacionalissimos casos de ressurreição de pessoas que haviam sido considerados mortas, com exame e atestado de sumidades medicas.

E' um livro muito interessante, de leitura util, no qual os curiosos factos e comentarios levarão o leitor á meditação sobre as grandes incognitas da vida.

Broch. 4\$000. — Enc. 6\$000.

O ESPIRITO DE

Emmanuel

que se identifica em um dos mais magistraes romances — *Ha dois mil anos*, foi, ao tempo de Nero, um poderoso senador Romano que desempenhou notavel papel nos sucessos daquela época.

Hoje, dedicado no Espaço a um apostolado de instrução e conforto moral aos entes de boa vontade, êsse Espirito ditou ao medium Francisco Candido Xavier, dois livros, que valem por assim dizer, uma enciclopédia, tal o valor sintético dos ensinamentos neles contido.

Emmanuel é educativo, de fundo luminosamente cristão, resumindo em alguns capitulos toda uma doutrina que abrange as necessidades da alma de qualquer peregrino da existencia terrestre.

A caminho da Luz empolga, pela elevação e erudição, traçando uma cadeia de sínteses que abrange a historia do nosso mundo, desde a sua gênese no sistema planetario, até nossos dias de lutas, guerras e desvios de toda ordem.

A leitura de tais paginas são quasi uma revelação, pois ainda não havia sido escrito um tão formidavel resumo da historia da Terra, em ligação com as causas superiores que formam as verdadeiras leis da Vida.

Cada vol. brochado, 4\$000; encadernado, 6\$000.

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação — AVENIDA PASSOS 30 — Rio de Janeiro.

Porte: 1 vol.: 1\$000; diversos \$500 por volume.

Enviaremos graciosamente nosso catálogo.

O ESPIRITO DE

Humberto de Campos

ditou ao medium Francisco Candido Xavier dois notaveis livros, que merecem a atenção de quantos apreciam a boa literatura, notadamente dos admiradores do estilo inimitavel que serviu de pedestal á gloria daquele escritor.

Sem cogitar de ponto de vista religioso ou filosofico, leigo ou científico, quem percorrer as paginas de *Cronicas de Além Tumulo* terá fruido momentos de verdadeiro deleite intelectual, identificando ali toda a beleza que só o feitio de Humberto de Campos sabia inocular em seus escritos.

Igualmente, em *Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho* o Espirito do imortal literato reaviva no coração do leitor toda a emoção que constituia o segredo do sucesso das suas produções, inegaladas no jornalismo e no dominio das letras propriamente dito.

São dois livros que recomendam e distinguem qualquer biblioteca.

Cronicas de Além Tumulo, broch. 5\$000; enc. 7\$000.

Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, broch. 4\$000; enc. 6\$000.

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação — AVENIDA PASSOS 30 — Rio de Janeiro.

Porte : 1 volume, 1\$000; diversos, \$500 por volume

ENVIAMOS GRACIOSAMENTE NOSSO CATALOGO



